



ANTOLOGIA/APOSTILA

para a disciplina

Introdução aos Estudos Clássicos I (FLC0112)

Turmas 2016131 e 2016133 (noturno)

Prof. Dr. Robson T. Cesila

1º Semestre de 2016

USP/FFLCH/DLCV



Programa e Calendário

Calendário

23/02 – Apresentação do curso	19/04 – Módulo 2	09/06 – Módulo 2
25/02 – Módulo 1	21/04 – Tiradentes (não há aula)	14/06 – Módulo 2
01/03 – Módulo 1	26/04 – Módulo 2 e Resultados da 1ª Prova	16/06 – 2ª Prova (Módulo 2)
03/03 – Módulo 1	28/04 – Módulo 2	21/06 – Prova Substitutiva*
08/03 – Módulo 1	03/05 – Módulo 2	23/06 – Resultados da 2ª Prova
10/03 – Módulo 1	05/05 – Módulo 2	28/06 –
15/03 – Módulo 1	10/05 – Módulo 2	30/06 – Prova de recuperação
17/03 – Módulo 1	12/05 – Módulo 2	
22/03 – Semana Santa (não há aula)	17/05 – Módulo 2	
24/03 – Semana Santa (não há aula)	19/05 – Módulo 2	
29/03 – Módulo 1	24/05 – Módulo 2	
31/03 – Módulo 1	26/05 – <i>Corpus Christi</i> (não há aula)	
05/04 – Módulo 1	31/05 – Módulo 2	
07/04 – Módulo 1	02/06 – Módulo 2	
12/04 – Módulo 1	07/06 – Módulo 2	
14/04 – 1ª Prova (Módulo 1)		

*** O aluno deverá obrigatoriamente trazer atestado médico ou B.O. para ter direito à prova substitutiva**

Programa

1. Módulo 1: Poesia hexamétrica: poesia épica, poesia didática, poesia sapiencial

HOMERO, *Ilíada* I – Traduções: **CAMPOS, Haroldo de (trad.). *Ilíada de Homero*. São Paulo: Mandarin, 2001 (vol. 1, 2. ed.), Arx, 2002 (vol. 2) (bilíngue).**

NUNES, Carlos Alberto (trad.). *Ilíada*. São Paulo: Ediouro, 2009.

LOURENÇO, Frederico (trad.). *Ilíada*. Lisboa: Cotovia, 2008.

HOMERO, *Odisseia* IX – Traduções: **NUNES, Carlos Alberto (trad.). *Odisseia*. São Paulo: Ediouro, 2009.**

LOURENÇO, Frederico (trad.). *Odisseia*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

VIEIRA, Trajano (trad.). *Odisseia*. São Paulo: Editora 34, 2011 (bilíngue).

WERNER, Christian (trad.). *Odisseia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

VIRGÍLIO, *Eneida* II – Traduções: **NUNES, Carlos Alberto (trad.). *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2014.**

MENDES, Odorico (trad.). *Eneida brasileira: tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro*. Org. Paulo Sérgio de Vasconcellos et al.; Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

VIRGÍLIO, *Geórgicas* I – Tradução: **MAYER, Ruy. *As Geórgicas de Virgílio. Versão em prosa dos três primeiros livros e comentários de um agrônomo*. Alcobça: Livraria Sá da Costa, 1948.**

OVÍDIO, *Metamorfoses* (A morte de Narciso, III.407-510 – Traduções: CAMPOS, Haroldo de. In: _____, *Crisantempo: no espaço curvo nasce um*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa de. Cantos I a V disponíveis em:
<http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfoses/ovidio-raimundocarvalho.pdf>

2. Módulo 2: A poesia “lírica”: a mélica, a elegia e o jambo gregos; a “lírica” latina

Poetas gregos: Arquíloco (Frs. 5W, 13W, 128W)
Safo (Frs. 1, 16, 31, 47, 114, 130, 168B Voigt).

Poetas latinos: Catulo (poemas 2, 3, 5, 8, 13, 16, 27, 48, 51, 70, 85, 101 e 105)
Horácio (odes I.4, I.6, I.9, I.11, II.10, II.14, III.30)
Ovídio (*Amores* I.1, I.5, I.9, II.1, II.4, II.14, II.16)
Marcial (epigramas I.10, I.35, I.62, III.32, III.71, IV.24, V.58, VIII.27)

Bibliografia de apoio

I. Para o tema “O que é o clássico”?

BEARD, M.; HENDERSON, J. *Antigüidade clássica: uma brevíssima introdução*. Trad. M. Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CALVINO, I. “Por que ler os clássicos”. In: _____ *Por que ler os clássicos*. Trad. N. Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 9-16.

II. Para Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*

ASSUNÇÃO, T. R. “Ação divina e construção da trama nos ‘Cantos I e II’ da *Ilíada*”. *Letras Clássicas* 5, 2001, pp. 63-78.

DUARTE, A. da S. “As relações entre retorno e glória na *Odisseia*”. *Letras Clássicas* 5, 2001, pp. 11-28.

JONES, Peter. “Introdução”. In: HOMERO. *Ilíada*. Trad. F. Lourenço. São Paulo: Cia das Letras / Penguin, 2013, pp. 7-51.

KNOX, Bernard. “Introdução”. In: HOMERO. *Odisseia*. Trad. F. Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 7-93.

LOURENÇO, Frederico. “Prefácio”. In: HOMERO. *Ilíada*. Trad. F. Lourenço. São Paulo: Cia das Letras / Penguin, 2013, pp. 71-105.

_____. “Prefácio”. In: HOMERO. *Odisseia*. Trad. F. Lourenço. São Paulo: Cia das Letras / Penguin, 2011, pp. 95-105.

_____. “Prefácio”. In: HOMERO. *Odisseia*. Trad. F. Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 95-105.

MANGUEL, Alberto. *Ilíada e Odisseia de Homero - uma biografia*. São Paulo: Jorge Zahar, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. “A guerra de Tróia”. In: _____. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. R. F. d’Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, pp. 78-97.

_____. “Ulisses ou a aventura humana”. In: _____. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. R. F. d’Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, pp. 98-143.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. Trad. J. B. Neto. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

WERNER, C. “A ambigüidade do kléos na *Odisseia*”. *Letras Clássicas* 5, 2001, pp. 99-108.

III. Para Virgílio, a *Eneida* e as *Geórgicas*:

- OLIVA NETO, João Angelo. “Breve Anatomia de um clássico”. In. VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014, pp. 9-34.
- SANTOS, M. M. “Da disposição da *Eneida*, ou Do gênero da *Eneida* segundo as espécies da *Ilíada* e da *Odisséia*”. *Letras Clássicas* 5, 2001, pp.159-206.
- GRIMAL, Pierre. “A literatura augustana”. In: _____. *O século de Augusto*. Lisboa: Edições 70, 2008, pp. 65-75.
- TREVISAM, Matheus. *Poesia Didática: Virgílio, Ovídio e Lucrecio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Épica I: Ênio e Virgílio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

IV. Para os “líricos” e seus poetas:

- ACHCAR, F. “Lírica e lugar-comum”; “Genealogia do *carpe diem*: imagens do efêmero de Homero a Catulo”. In: _____. *Lírica e lugar-comum*. São Paulo: Edusp, 1994, pp. 25-56, 59-85.
- CITRONI, M.; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. “Catulo”. In: _____. *Literatura de Roma Antiga*. Trad. Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 347-381.
- _____. “Horácio”. In: _____. *Literatura de Roma Antiga*. Trad. Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 499-545.
- _____. “Ovídio”. In: _____. *Literatura de Roma Antiga*. Trad. Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 584-616.
- CORRÊA, Paula da Cunha. “A fortuna crítica de Arquíloco de Paros na Antigüidade”. In: _____. *Armas e varões: a guerra na lírica de Arquíloco*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009, pp. 21-29.
- MARTINS, Paulo. *Elegia romana: construção e efeito*. São Paulo: Humanitas, 2009.
- OLIVA NETO, João Angelo. “Introdução”. In: _____. CATULO. *O Livro de Catulo*. São Paulo: Edusp. 1996, pp. 15-63.
- RAGUSA, G. “Introdução”; “A lírica grega arcaica e Safo”. In: _____. *Fragmentos de uma deusa: representação de Afrodite na lírica de Safo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, pp. 17-20; 23-53.
- _____. “Enredos de um objeto: em torno da mélica grega arcaica”. In _____. *Lira, mito e erotismo: Afrodite na poesia mélica grega arcaica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, pp. 23-53.

V. Obras para constante consulta:

- GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.
- HORÁCIO. *Arte poética*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.

Alguns sites:

<http://www.greciantiga.org/>

http://www.mariamilani.com/rome_maps/Roman_Empire_Maps.htm

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman>

<http://www.thelatinlibrary.com/>

<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lc/> e <http://dlcv.fflch.usp.br/node/565>.

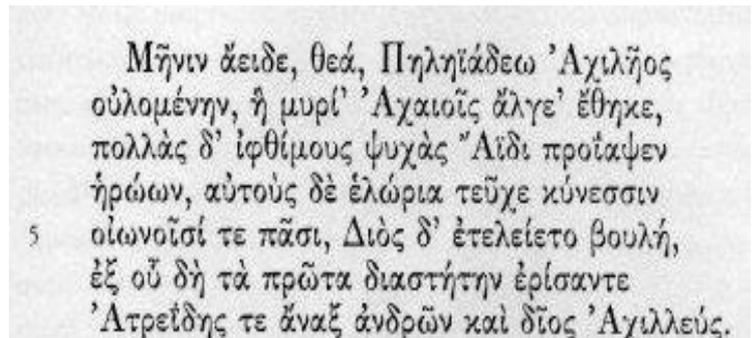
<http://www.classica.org.br/>

Proposições

Homero, *Iliada*, Canto I, versos 1-7

A ira [μῆνιν], Deusa, celebra do Peleio Aquiles, o irado desvario, que aos Aqueus tantas penas trouxe, e incontáveis almas arrojou no Hades de valentes, de heróis, espólio para os cães, pasto de aves rapaces: fez-se a lei de Zeus; 5 desde que por primeiro a discórdia apartou o Atreide, chefe de homens, e o divino Aquiles.

(trad. Haroldo de Campos)



Μῆνιν ἄειδε, θεά, Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
οὐλομένην, ἣ μυρὶ Ἀχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε,
πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν
ἡρώων, αὐτοὺς δὲ ἐλώρια τεῦχε κύνεσσιν
οἰωνοῖσί τε πᾶσι, Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή,
ἔξ οὔ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε
Ἄτρεΐδης τε ἄναξ ἀνδρῶν καὶ δῖος Ἀχιλλεύς.

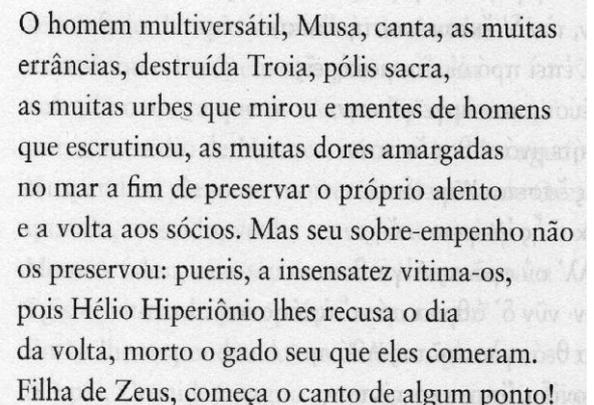
Homero, *Odisseia*, Canto I, versos 1-10

(trad. Carlos Alberto Nunes)

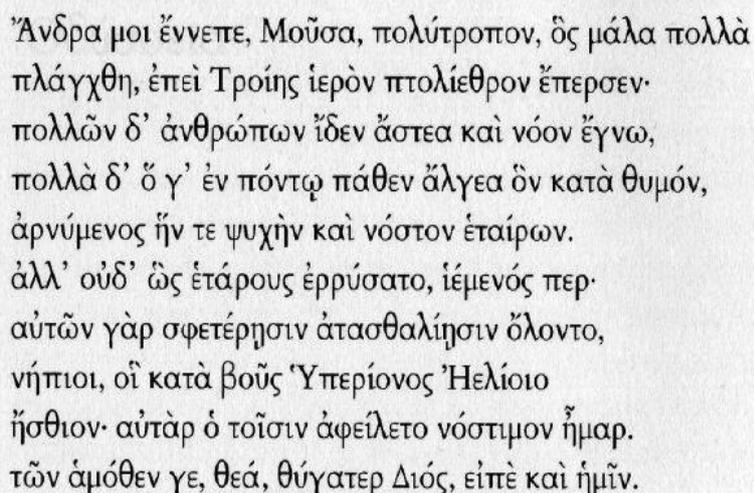
Musa, reconta-me os feitos do herói astucioso que muito peregrinou, dês que esfez as muralhas sagradas de Troia; muitas cidades dos homens viajou, conheceu seus costumes, como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma, para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta. Os companheiros, porém, não salvou, muito embora o tentasse, pois pereceram por culpa das próprias ações insensatas. Loucos! Que as vacas sagradas do Sol hiperiônio comeram. Ele, por isso, do dia feliz os privou do retorno. Deusa nascida de Zeus, de algum ponto nos conta o que queiras.

Homero, *Odisseia*, I.1-10

(trad. Trajano Vieira)



O homem multiversátil, Musa, canta, as muitas errâncias, destruída Troia, pólis sacra, as muitas urbes que mirou e mentes de homens que escrutinou, as muitas dores amargadas no mar a fim de preservar o próprio alento e a volta aos sócios. Mas seu sobre-empenho não os preservou: pueris, a insensatez vitima-os, pois Hélio Hiperiônio lhes recusa o dia da volta, morto o gado seu que eles comeram. Filha de Zeus, começa o canto de algum ponto!



Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ
πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσεν·
πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω,
πολλὰ δ' ὃ γ' ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὃν κατὰ θυμόν,
ἀρνύμενος ἥν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἐταίρων.
ἄλλ' οὐδ' ὡς ἐτάρους ἐρρύσατο, ἰέμενός περ·
αὐτῶν γὰρ σφετέρῃσιν ἀτασθαλίῃσιν ὄλοντο,
νήπιοι, οἳ κατὰ βοῦς Ὑπερίονος Ἥελιοιο
ἦσθιον· αὐτὰρ ὁ τοῖσιν ἀφείλετο νόστιμον ἦμαρ.
τῶν ἀμόθεν γε, θεά, θύγατερ Διός, εἶπέ καὶ ἡμῖν.

Texto grego retirado de Homero, *Odisseia*. Trad., posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Ed. 34, 2011.

Virgílio, *Eneida* I, versos 1-11

(trad. Carlos Alberto Nunes)

As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Troia por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro e de Lavínio nas praias. A impulso dos deuses por muito tempo nos mares e em terras vagou sob as iras de Juno, guerras sem fim sustentou para as bases lançar da Cidade e ao Lácio os deuses trazer – o começo da gente latina, dos pais albanos primevos e os muros de Roma altanados. Musa! recorda-me as causas da guerra, a deidade agravada; por qual ofensa a rainha dos deuses levou um guerreiro tão religioso a enfrentar sem descanso esses duros trabalhos?

Cabe tão fero rancor no imo peito dos deuses eternos?

Arma virumque cano Trojae qui primus ab oris
Italiam, fato profugus, Laviniaque venit
Littora: multum ille et terris jactatus et alto,
Vi Superum, saevae memorem Junonis ob iram;
Multa quoque et bello passus, dum conderet urbem,
Inferretque deos Latio: genus unde Latinum,
Albanique patres, atque altae moenia Romae.
Musa, mihi causas memora, quo numine laeso,
Quidve dolens regina deum tot volvere casus
Insignem pietate virum, tot adire labores,
Impulerit. Tantaene animis coelestibus irae!
(Texto latino retirado de *Eneida brasileira: tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008).

Camões, *Os Lusíadas*, Canto I.1-4

1

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2

E também as memórias gloriosas
Daqueles reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles que por obra valerosas
Se vão da lei da Morte libertando
- Cantando espalharei por toda parte,
Se de tanto me ajudar o engenho e arte.

3

Cessem do sábio grego e do troiano
As navegações grandes que fizeram;

Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram,
Que eu canto o peito ilustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

4

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

Hexâmetro datílico

- - / - - / - - / - - / - - / - -
- - / - - / - - / - - / - - / - -

Eneida – outras proposições

Virgílio, *Eneida*, VI.264-267 (trad. C. A. Nunes)

Deuses, que o império exerceis sobre as almas, as sombras caladas,
o Caos sem luz, Flegetonte, moradas das noites silentes!
Seja-me lícito manifestar-me a respeito das coisas
por mim ouvidas, contar os segredos do abismo e das trevas!

Di, quibus imperium est animarum, umbraeque silentes,
Et Chaos, et Phlegethon, loca nocte silentia late,
Sit mihi fas audita loqui, sit numine uestro
Pandere res alta terra et caligine mersas.

Virgílio, *Eneida*, VII.37-45 (trad. C. A. Nunes)

Érato, inspira-me! Os reis, qual o estado das coisas naquele
tempo, os sucessos variados no Lácio de antanho,
quando na Ausônia aportou de improviso uma esquadra estrangeira,
vou relatar. Sem a ajuda de cima, de ti, Musa excelsa,
nada farei. Porém antes direi do princípio da pugna
dos dois exércitos, reis empenhados em crua matança,
a hoste tirrena a avançar, toda a Hespéria em furor coligada.
Maior empresa acometo, mais digna de ser decantada
em todo o tempo. (...)

Nunc age, qui reges, Erato, quae tempora rerum,
Quis Latio antiquo fuerit status, aduena classem
Cum primum Ausoniis exercitus appulit oris,
Expeditam et primae reuocabo exordia pugnae.
Tu uatem, tu, diua, mone. Dicam horrida bella,
Dicam acies actosque animis in funera reges
Tyrrenamque manum totamque sub arma coactam
Hesperiam. Maior rerum mihi nascitur ordo,
Maius opus moueo.

Virgílio, *Eneida*, X.163-165 (trad. Robson Cesila)

Desvelai-me agora o Hélicon, deusas, e excitai o meu canto:
que multidão enquanto isso [vindo] dos tuscus litorais acompanha
Eneias e arma navios e se move no pélagos.

Pandite nunc Helicon, deae, cantusque mouete,
Quae manus interea Tuscis comitetur ab oris
Aenean, armetque rates pelagoque vehatur.

Eneida – figuras, efeitos de som, ritmo, sintaxe

Eneida, VI.264-294

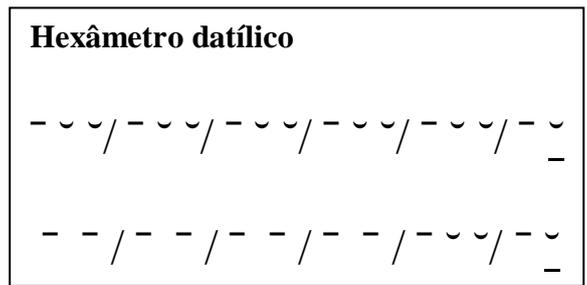
Deuses que tendes o império das almas, Sombras
silenciosas, Caos e Flegetonte, mudas regiões que
vos estendeis pela noite, que me seja permitido
dizer o que ouvi, e com vosso assentimento,
desvelar as coisas enterradas nas profundezas
tenebrosas da terra!

Eles iam, obscuros, sob a noite solitária, através
da sombra e através das moradas vazias e do vão
reino de Dite: tal é o caminho dos bosques,
quando a lua é incerta, sob uma luz maligna,
quando Júpiter mergulhou o céu na sombra e a
escura noite arrebatou às coisas a sua cor.

Di, quibus imperium est animarum, umbraeque silentes,
Et Chaos, et Phlegethon, loca nocte silentia late,
Sit mihi fas audita loqui, sit numine uestro
Pandere res alta terra et caligine mersas.

Ibant obscuri sola sub nocte per umbram,
Perque domos Ditis uacuas et inania regna:
Quale per incertam Lunam sub luce maligna
Est iter in siluis, ubi coelum condidit umbra
Jupiter, et rebus nox abstulit atra colorem.

Ībānt/ ōbscū/rī sō/lā sūb/ nōctē pēr/ ūmbrām
 1 2 3 4 5 6



Efeitos de som, ritmo e sintaxe

Eneida, I.128-129

Netuno se enfurece ao saber que Éolo está atuando em seus domínios (aliteração das nasais e assonância do u evocando os ruídos do mar).

Interea magno misceri murmure pontum,
 Emissamque hiemem sensit Neptunus, (...)

Nesse íterim o mar se misturar/agitar com grande murmúrio e a tempestade enviada sentiu Netuno (...)

Eneida, III.655-659

Eneias e os demais troianos, após conversarem com Aquemênides, avistam o ciclope Polifemo. Aliteração das nasais, de /t/ e de /p/. Verso 658 se alonga com elisões para representar o tamanho descomunal do ciclope.

Vix ea fañus erat, summo cum monte uidemus
 Ipsum inñter pecudes uasta se mole mouentem
 Pastorem Polyphemum, et littora nota petentem:
 Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum
 Trunca manum pinus regiñt, et uestigia firmañt.

Mal tinha essas coisas falado quando, do alto de um monte, vemos se movendo com a vasta mole, em meio ao rebanho, o próprio pastor Polifemo a descer para as conhecidas praias: monstro horrendo, informe, ingente, ao qual o olho fora tirado, um pinheiro arrancado conduz sua mão e firma seus passos.

Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum

Mōnstr(um) hōr/rēnd(um), ĩn/fōrm(e), ĩn/gēns, cui/ lūmēn ā/dēmpťūm

Odorico Mendes:

Monstr(o) horrend(o), inform(e), ingente

Resumos dos cantos

A *ILÍADA*

Antes do começo do poema, a esposa de Menelau, a bela Helena, fora raptada por Páris, filho do rei de Tróia, Príamo, e de sua esposa, Hécuba. Entre os irmãos de Páris estão Heitor, casado com Andrômaca, e a visionária Cassandra. Para resgatar Helena, o irmão de Menelau, Agamenon (Agamêmnon), sitia Tróia à frente de uma coalizão que inclui entre seus famosos guerreiros Ajax (Ajaz), Diomedes, Ulisses, o velho Nestor, Pátroclo e seu amigo Aquiles, o maior guerreiro de todos, filho da deusa Tétis. O sítio durou dez longos anos e os deuses se envolveram no conflito. Seus favores divinos encontram-se divididos: do lado dos troianos estão Afrodite (cujo filho Enéias é troiano), Apolo, o deus do Sol, e Ares, o deus da guerra; do lado dos gregos estão Tétis, Atena, a deusa da sabedoria, Poseidon (Posido), o deus dos mares, e Hera, esposa de Zeus.

CANTO I

No décimo ano da Guerra de Tróia, o exército grego, liderado por Agamenon, está acampado na praia próxima da cidade. Crises, sacerdote de Apolo, pede a Agamenon que lhe permita resgatar sua filha Criseide — que fora raptada e escravizada por Agamenon —, mas é rudemente rejeitado. Crises roga a Apolo que o ajude, e o deus manda uma peste sobre os gregos. Para aplacar o deus, decide-se numa assembleia geral que Agamenon deve devolver sua escrava. Agamenon concorda, mas exige que em troca lhe dêem a concubina de Aquiles, Briseide. Aquiles sente-se desonrado e se retira da guerra, levando consigo Pátroclo e seus soldados. Aquiles pede vingança a sua mãe, e a deusa Tétiis convence Zeus a ficar do lado dos troianos. Zeus e sua mulher, Hera, que apóia os gregos, têm uma discussão, resolvida pelo filho de Hera, o deus-ferreiro Hefestaos (Hefesto).

CANTO II

Agamenon sonha que tomará Tróia. Põe a prova o sonho sugerindo a seu exército que abandone o sítio e retorne à casa. O plano fracassa, quando os soldados concordam entusiasmados. O plebeu Tersites causa tumulto ao discursar contra os líderes gregos, mas Ulisses restaura a ordem. O episódio termina com uma relação das forças gregas e troianas.

CANTO III

Os dois exércitos se encontram na planície ao lado de Tróia e estabelecem uma trégua, enquanto Páris e Menelau concordam em lutar por Helena. No alto dos baluartes de Tróia, Helena aponta os guerreiros gregos para Príamo. Afrodite salva Páris de ser morto e o leva de volta para a cidade.

CANTO IV

Os deuses intervêm novamente. Hera exige que a trégua seja rompida. Atena persuade Pândaro, que luta do lado dos troianos, a azejar Menelau, que é ferido.

CANTO V

Ajudado por Atena, Diomedes ataca os troianos e até mesmo Afrodite, quando ela tenta ajudar Enéias, e o próprio deus da guerra, Ares, enquanto ele arregimenta os troianos.

CANTO VI

No campo de batalha, o grego Diomedes encontra Glaucos, um lício que luta do lado troiano, e se tornam amigos, recusando-se a lutar. Heitor volta a Tróia para prestar sacrifício a Atena. Ele fala com Helena e com sua esposa, Andrômaca, e censura Páris por não estar em campo. Páris segue o conselho de Heitor e entra na batalha.

CANTO VII

Páris e Heitor retornam à luta. Heitor desafia Ajax para um duelo, mas o resultado não é claro. Os troianos propõem uma trégua para que os dois lados possam enterrar seus mortos. Enquanto isso, seguindo conselho do velho Nestor, os gregos fortificam o campo.

CANTO VIII

Zeus encoraja os troianos, mas também proíbe os outros deuses de participar da luta. Os gregos retiram-se para seu campo e os troianos acampam fora dos muros de sua cidade.

CANTO IX

Preocupado com o avanço dos troianos, Nestor sugere que Agamenon mande Ajax e Fênix (o velho tutor de Ulisses e Aquiles), para convencer Aquiles a voltar. Apesar de lhe oferecerem Briseide de volta, assim como a mão da filha de Agamenon em casamento, ele recusa a oferta.

CANTO X

Nestor sugere então a Diomedes e Ulisses que eles espionem os troianos durante a noite. Eles capturam Dolão, uma sentinela avançada inimiga, e, com base em suas informações, conseguem matar vários troianos.

CANTO XI

Liderados por Heitor, os troianos conseguem empurrar os gregos de volta aos seus navios, ferindo Agamenon, Diomedes e Ulisses. Aquiles manda Pátroclo saber quem é um dos feridos cujo corpo ele vê sendo transportado. Nestor pede a Pátroclo que participe da batalha e tome emprestada a armadura de Aquiles para assustar o inimigo.

CANTO XII

Antes que Pátroclo consiga voltar, Heitor abre uma passagem no muro do acampamento grego e o atravessa com seus soldados.

CANTO XIII

Os exércitos lutam na praia enquanto os troianos tentam chegar ao navio grego. Poseidon encoraja os gregos a dar combate. O avanço de Heitor é detido por Ajax.

CANTO XIV

Hera faz Zeus adormecer para que Poseidon continue a incitar o exército grego. Ajax desfecha um golpe surpreendente em Heitor.

CANTO XV

Zeus desperta e fala severamente com Hera, que leva então a mensagem dele aos deuses, ordenando que Poseidon se retire e Apolo cure Heitor. Uma vez mais, os troianos empurram os gregos de volta para seus navios.

CANTO XVI

Pátroclo retorna para junto de Aquiles e toma emprestada a armadura do amigo. Entremetidos, Heitor e os troianos forçam Ajax e os gregos a recuar novamente e ateiam fogo ao primeiro barco grego. Vestido com a armadura de Aquiles, Pátroclo repele os troianos. Ignorando a advertência de Aquiles para não persegui-los longe demais, Pátroclo chega às muralhas de Tróia, é aturdido e desarmado pelo próprio Apolo. O troiano Euforbo o fere, e Heitor o mata.

CANTO XVII

Heitor retira a armadura de Pátroclo e os gregos conseguem carregar seu corpo de volta ao acampamento. A luta continua, liderada por Menelau e Ajax, no lado grego, Heitor e Enéias, no lado troiano.

CANTO XVIII

Aquiles sabe que Pátroclo foi morto. Cheio de ira e dor, decide vingar seu amigo em batalha. Tétis lhe promete que He-

faistos lhe fará uma nova armadura, mas o adverte de que sua morte se seguirá à de Heitor. O corpo de Pátroclo é trazido para o acampamento grego. Hefaiostos faz novas armas e um esplêndido escudo para Aquiles.

CANTO XIX

Ulisses fomenta uma reconciliação entre Agamenon e Aquiles. Este veste sua armadura nova. Seu fiel cavalo Xanto prediz sua morte.

CANTO XX

Zeus reverte sua decisão e permite que os deuses intervenham. Aquiles começa um ataque furioso aos troianos. Enéias é resgatado por Poseidon, Heitor por Apolo. Os troianos recuam.

CANTO XXI

Mas o recuo é dificultado pelo rio Xanto (ou Escamandro). À medida que Aquiles enche seu leito de cadáveres, o rio transborda raivosamente contra ele, porém Hefaiostos, com seu fogo, detém o volume da água. Os deuses começam a lutar entre si: Atena fere Ares e Afrodite. Os deuses recuam então para o Olimpo, mas Apolo distrai Aquiles, permitindo aos troianos refugiarem-se atrás das muralhas de sua cidade.

CANTO XXII

Aquiles encontra Heitor que o espera sozinho, fora dos muros de Tróia. Quando Aquiles se aproxima, Heitor tenta fugir. Os deuses intervêm uma vez mais: Apolo retira sua ajuda e Atena induz Heitor a lutar. Ele é morto por Aquiles, que, em seguida, amarra o cadáver num carro de guerra e o arrasta até o

acampamento dos gregos. Príamo e seus familiares observam horrorizados.

CANTO XXIII

Durante a noite, o fantasma de Pátroclo visita Aquiles e reclama o enterro rápido de seu corpo. No dia seguinte, Aquiles dá ao amigo um funeral magnífico, seguido por jogos atléticos.

CANTO XXIV

Durante 11 dias, o corpo de Heitor jaz insepulto. Seguindo o conselho dos deuses, Príamo visita o acampamento grego e oferece a Aquiles o pagamento de um resgate pelo corpo do filho. Aquiles aceita, por fim, e, depois de compartilharem uma refeição, Príamo retorna a Tróia com os restos mortais de Heitor. O poema termina com o funeral de Heitor, enquanto as mulheres troianas, lideradas por Andrômaca, choram e lamentam seus mortos.

A ODISSEIA

O poema começa dez anos depois da queda de Tróia. Durante o saque da cidade, o comportamento desrespeitoso de alguns gregos aborreceu os deuses, em especial Atena, que, tendo favorecido o lado grego durante toda a guerra, provoca agora tempestades terríveis para atrapalhar a volta deles. Embora ela ainda esteja bem-intencionada em relação a Ulisses, ele não teve permissão para retornar a Ítaca, onde sua fiel esposa, Penélope, tenta há sete anos evitar uma multidão de pretendentes. Poseidon e o deus-sol procuraram

punir Ulisses (que, durante suas viagens, cegou Polifemo, filho de Poseidon, e cujos companheiros mataram o gado do deus-sol para comer). Ele está agora capturado numa ilha longínqua, prisioneiro da ninfa Calipso, que o escolheu para amante.

CANTO I

Numa reunião dos deuses, Atena pergunta a Zeus por que ele esqueceu Ulisses. Zeus responde que a ira de Poseidon impediu o retorno de Ulisses para Ítaca; mas agora que Poseidon está longe, em visita aos etíopes, Ulisses pode começar sua viagem de volta para casa. Atena se disfarça como Mentos, chefe dos tálios, e visita Telêmaco, filho de Ulisses, em Ítaca, dizendo-lhe para tomar medidas contra os pretendentes de sua mãe. Ela o instrui a procurar notícias de seu pai com o rei Nestor, em Pilos, e com o rei Menelau, em Esparta.

CANTO II

Telêmaco convoca uma assembléia para denunciar os pretendentes. Discursos são proferidos, mas a opinião pública não é suficientemente inflamada contra eles. Em consequência, Telêmaco parte para Pilos em segredo, acompanhado por Atena, que se disfarça dessa vez como Mentor, amigo de Ulisses.

CANTO III

O rei Nestor conta a Telêmaco sobre o retorno de outros heróis gregos que lutaram em Tróia, como Menelau e Agamemnon, mas não pode lhe dar notícias de Ulisses, e ordena que seu filho Pisístrato acompanhe Telêmaco a Esparta.

CANTO IV

Na corte de Menelau, Telêmaco e seus companheiros são recebidos pelo rei e por sua esposa, Helena, agora restaurada ao trono. Menelau conta-lhes que durante a viagem de volta de Tróia, o Velho do Mar o informou que Ulisses era mantido cativo pela ninfa Calipso. Enquanto isso, em Ítaca, os pretendentes e Penélope tomam conhecimento da partida de Telêmaco. Os pretendentes planejam emboscá-lo e matá-lo quando ele voltar.

CANTO V

Numa reunião dos deuses, Hermes é enviado para dizer a Calipso que ela deve libertar Ulisses. Então, com pesar, a ninfa lhe fornece madeira para construir um barco. Ulisses vai embora, mas, decorridos apenas 17 dias, Poseidon o descobre e faz o barco naufragar durante uma tempestade. Nu e ferido, Ulisses consegue chegar à terra dos feácios.

CANTO VI

Ulisses é descoberto pela princesa Nausícaa e suas criadas, que lavam roupas e jogam bola na praia. Ulisses implora-lhe hospitalidade; ela lhe dá algo para vestir e diz-lhe para ir ao palácio de seu pai.

CANTO VII

Ulisses pede aos pais de Nausícaa, rei Alcínoo e rainha Arete, que o ajudem. Sem revelar sua identidade, conta-lhes apenas uma parte de sua história. O rei sugere que ele fique e se case com Nausícaa.

CANTO VIII

O rei Alcínoo oferece ao hóspede uma festa pródiga. O bardo cego Demódoco canta sobre Ulisses e sua rixa com Aquiles, e depois sobre o estratagemas do cavalo de madeira. Ulisses chora ao relembrar os fatos. Durante uma exibição atlética, zombam dele, e Ulisses é forçado a demonstrar sua força.

CANTO IX

Por fim, Ulisses revela seu nome e conta toda sua história: como ele e seus companheiros partiram de Tróia em 12 navios, atacaram os aliados dos troianos na Trácia, chegaram à terra dos lotófagos e, finalmente, desembarcaram na ilha dos Ciclopes, quando foram capturados pelo gigante Polifemo e mantidos em sua caverna para serem comidos. Ulisses explica como conseguiu cegar Polifemo, como disse à sua vítima que seu nome era "Ninguém" e como escapou da caverna agarrado à barriga de um carneiro. Quando, antes de partir, revelou seu nome verdadeiro, Polifemo jurou que pediria a seu pai, Poseidon, que o vingasse.

CANTO X

Ulisses continua sua história: ele e seus companheiros chegaram à ilha flutuante do deus Éolo, que lhes deu um saco contendo todos os ventos, exceto o vento oeste, para ajudá-los em sua jornada. Enquanto Ulisses dormia, seus companheiros abriram o saco, e seus navios foram soprados de volta para a ilha do deus, que se recusou a ajudá-los novamente. Atingiram então a ilha dos gigantes lestrigões, que destruíram 11 dos navios. No barco restante, Ulisses e seus companheiros chegaram à ilha da feiticeira Circe, que transformou alguns dos homens em porcos e tomou Ulisses como amante. Após um ano na ilha, Ulisses

pediu permissão para partir. Circe explicou-lhe que antes ele teria de viajar ao Inferno, o mundo subterrâneo dos mortos, e pedir instruções ao fantasma do adivinho Tírsias.

CANTO XI

Ulisses conta sua visita ao Inferno: depois que ele e seus companheiros invocaram os mortos, o fantasma de Tírsias lhe disse que, mesmo depois de chegar a Ítaca, ele continuaria a viajar. Entre os fantasmas, Ulisses falou com sua mãe morta, o rei Agamenon, Aquiles e Hércules.

CANTO XII

Ulisses conclui sua história: depois de ter perdido alguns homens para a mulher monstro Cila, ter passado pelo redemoinho de Caribde e navegado para longe das sedutoras sereias, ele e seus companheiros chegaram à ilha onde o deus-sol guardava seu gado. Embora soubessem que não deveriam tocar no rebanho, a fome os forçou a matar e comer alguns bois. O deus queixou-se a Zeus, que, como punição, destruiu seus navios com um raio. Ulisses foi o único a sobreviver. Num mastro de seu barco, vagou por nove dias até chegar finalmente à ilha de Calipso. O resto da história o rei conhece.

CANTO XIII

O rei Alcínoo despacha Ulisses com muitos presentes. Ulisses dorme e os marinheiros-faécios o depositam na praia de Ítaca. Atena aparece, disfarçada de homem jovem, e, embora Ulisses tente esconder sua identidade, ela declara saber quem ele é e diz que o ajudará contra os pretendentes de Penélope. Atena veste-o com trajes de mendigo.

CANTO XIV

Ulisses, disfarçado, é recebido pelo guardador de porcos Eumeu e inventa histórias sobre si mesmo para distrair o anfitrião.

CANTO XV

Telêmaco deixa Menelau e Helena e volta para casa. Traz com ele o adivinho Teoclímene. Em Ítaca, Eumeu conta a Ulisses a história de sua vida. Telêmaco evita cair nas mãos dos pretendentes.

CANTO XVI

Telêmaco chega à cabana do guardador de porcos e Ulisses se revela a ele. Explica que devem tomar cuidado se quiserem vencer os pretendentes. Estes voltam de sua perseguição a Telêmaco e discutem o que fazer a seguir.

CANTO XVII

Telêmaco volta ao palácio e fala com Penélope. Entrementes, o pastor de cabras Melântio, aliado dos pretendentes, vendo Ulisses com Eumeu, insulta o homem que supõe ser um mendigo. Quando se aproximam do palácio, Argos, cão de Ulisses, reconhece seu dono e morre do coração. Ulisses implora comida aos pretendentes; em lugar disso, um de seus líderes, Antínoo, atira-lhe um escabelo.

CANTO XVIII

Iro, mendigo de verdade, insulta Ulisses, que o derruba numa luta de pugilismo. Penélope aparece e recebe presentes dos pretendentes. Uma das criadas zomba de Ulisses, que ameaça contar a Telêmaco sobre seu comportamento. Outro dos pre-

tendentes, Eurímaco, insulta Ulisses. Quando este retruca, Eurímaco joga-lhe um escabelo, mas atinge o escanção.

CANTO XIX

Orientados por Atena, Ulisses e Telêmaco retiram todas as armas do salão. A criada insulta Ulisses de novo. Ulisses conta a Penélope que encontrou seu marido e que ele não está longe. A velha ama Euricléia lava os pés de Ulisses e o reconhece graças a uma cicatriz. Ulisses implora-lhe que não o denuncie. Penélope explica que na noite seguinte permitirá que os pretendentes tentem disparar com o arco de Ulisses.

CANTO XX

Ulisses, impaciente, não consegue dormir. O fiel pastor Filício aparece. Outro dos pretendentes, Ctesipo, joga um casco de boi em Ulisses para escarnecê-lo. Os pretendentes caem na risada, e Teoclímene diz-lhes que todos estão marcados para morrer.

CANTO XXI

Penélope traz o arco de Ulisses e anuncia a prova: eles devem encurvar o arco e atirar uma flecha através de várias achas. Todos os pretendentes tentam e fracassam, exceto Antínoo, que posterga sua vez. Ulisses revela sua identidade a Eumeu e Filício. Quando Penélope sai da sala, ele agarra o arco e atira as flechas através das achas.

CANTO XXII

Ulisses mata Antínoo com uma flechada e revela sua identidade aos pretendentes. Ajudado por Telêmaco, Eumeu e Filício,

começa a matança dos pretendentes. O traiçoeiro Melântio traz vários escudos para os pretendentes, mas é capturado. Ulisses fica sem flechas, veste uma armadura e liquida os pretendentes com lanças. Num fim medonho, Melântio é torturado até a morte, e 12 das criadas são enforcadas.

CANTO XXIII

Euricléia conta a Penélope que Ulisses voltou, mas esta se recusa a acreditar. Ela o testa mandando Euricléia tirar a cama do quarto deles, sabedora de que o móvel é pesado demais para que alguém o remova. Ulisses fica irado e por fim Penélope reconhece seu esposo. Os dois vão para a cama e contam suas histórias um ao outro.

CANTO XXIV

Hermes conduz as almas dos pretendentes até o Inferno, onde eles se encontram com os fantasmas de Agamenon, Ajax, Pátroclo e Aquiles. Enquanto isso, Ulisses visita seu pai, Laertes, que se retirou para uma fazenda e, depois de alguma demora, revela sua identidade. Os parentes dos pretendentes planejam vingança, mas, depois de proporcionar a Laertes a força para matar um dos parentes, Atena, ainda disfarçada de Mentor, impõe uma paz duradoura a Ítaca.

O Dilema de Aquiles

Ilíada, IX.412-416 (trad. Haroldo de Campos)

“Fico e luto em Troia:
não haverá retorno para mim, só glória eterna;
volto ao lar, à cara terra pátria:
perco essa glória excelsa, ganho longa vida,
tão cedo não me assalta a morte com seu termo.”

“εἰ μὲν κ' αὖθι μένων Τρώων πόλιν ἀμφιμάχωμαι,
ὤλετο μὲν μοι νόστος, ἀτὰρ κλέος ἄφθιτον ἔσται·
εἰ δέ κεν οἴκαδ' ἵκωμι φίλην ἐς πατρίδα γαίαν,
ὤλετο μοι κλέος ἐσθλόν, ἐπὶ δηρὸν δέ μοι αἰὼν
ἔσσεται, οὐδέ κέ μ' ὤκα τέλος θανάτοιο κιχεῖη.”

Odisseia, XI.488-491 (trad. Trajano Vieira)

“Não queiras embelezar a morte, pois preferiria lavrar a terra de um ninguém depauperado, que quase nada tem do que comer, a ser o rei de todos os defuntos cadavéricos.”

“μὴ δὴ μοι θάνατόν γε παραύδα, φαίδιμ' Ὀδυσσεῦ.
βουλοίμην κ' ἐπάρουπος ἔων θητευέμεν ἄλλω,
ἀνδρὶ παρ' ἀκλήρῳ, ᾧ μὴ βίωτος πολὺς εἶη,
ἢ πᾶσιν νεκύεσσι καταφθιμένοισιν ἀνάσσειν.”

Resumo dos doze cantos da *ENEIDA* (por Robson T. Cesila)

LIVRO I

Proposição, invocação às musas, causas da ira de Juno. A rainha dos deuses exprime sua revolta e pede ao rei Éolo que envie ventos para destruir as naus troianas, que só se acalmam quando Netuno intervém. Eneias e o que restara de seus companheiros aportam (sem o saber) no litoral de Cartago, onde aquele obtém caça para a alimentação dos seus. Vênus reclama a Júpiter da má sorte dos troianos, mas ele a tranquiliza, prevendo o rosado futuro da linhagem de Eneias, que fundará uma cidade (Roma), e envia Mercúrio até a rainha Dido para fazê-la receber bem os troianos.

Eneias e Acates saem para examinar a terra e, aconselhados por Vênus, disfarçada de caçadora, chegam até a rainha Dido, que os trata muito bem, assim como aos outros companheiros de Eneias, que este julgara mortos, e que haviam ido também solicitar o socorro da rainha sidônia.

Antes, Eneias vislumbrara cenas da guerra de Troia gravadas num templo de Cartago.

A rainha cartaginesa manda preparar um banquete para Eneias e seus amigos, enquanto para ela ele manda trazer presentes dos navios.

Vênus, temendo uma traição dos cartagineses, povo protegido por Juno, envia seu filho Cupido para incutir no coração do fenícia o amor por Eneias. Dido pede a este que lhe conte sobre suas peregrinações e sobre a Guerra de Troia.

LIVRO II

Eneias conta (em *flash back*) o episódio do cavalo de madeira (que não existe na *Ilíada* de Homero) e de como os gregos, por intermédio de Sínon, conseguem introduzi-lo na sagrada Troia. Descreve a destruição e o incêndio de Troia, a sua resistência e dos outros troianos, a horrenda morte de Príamo por Pirro, a piedosa passagem em que carrega seu velho pai Anquises nas costas, para fugir de Troia, e a morte e a posterior aparição de sua mulher Creúsa, anunciando-lhe em comovente discurso o futuro de Eneias e dos troianos como fundadores de uma nova nação (Roma).

LIVRO III

Eneias prossegue sua narrativa no palácio da rainha Dido, contando o episódio em que se acham diante do túmulo de Polidoro, filho de Príamo; sua passagem pela ilha do rei Ânio, onde Febo lhe fala; o estabelecimento momentâneo dos troianos em Creta, até serem devastados por uma peste e aconselhados pelos Penates a partir para a Hespéria, terra de seus antepassados. Descreve sua passagem pelas ilhas Estrófades, habitadas pelas Harpias, por Ácio e pelo Epiro. Neste último, governado pelo troiano Heleno, filho de Príamo, Eneias conversara com Andrômaca, agora esposa de Heleno, e recebera informações do oráculo de Apolo sobre os obstáculos que teria ainda de enfrentar. Eneias conta sua passagem e dos seus pelos rochedos da terrível Caríbdis, pela ilha dos Ciclopes e por outros lugares, num dos quais – Drépano – seu pai Anquises falece. Termina a narrativa de Eneias.

LIVRO IV

Dido confessa a sua irmã Ana sua paixão por Eneias. Juno e Vênus, unidas, mas com objetivos diferentes, fazem com que Dido e Eneias se encontrem sozinhos numa caverna, onde os dois consolidam sua união. Eneias, apaixonado também, mantém-se em Cartago por muito tempo, mas o

pai dos deuses, que lhe reservou outro destino, envia Mercúrio para lhe ordenar que partisse das terras sidônias. O troiano prepara as naus em segredo, mas a rainha percebe e se lamenta com eles, desesperado, amaldiçoando-o. Eneias, porém, está decidido, e parte, enquanto Dido, com o coração dilacerado, suicida-se em seu palácio e entrega a alma ao Hades.

LIVRO V

As naus enéades aportam no Érix, terra de Aceste, amigo de Eneias, onde estão enterradas as cinzas de Anquises. São feitas homenagens e oferendas no túmulo do pai de Eneias, assim como jogos fúnebres troianos: a corrida de barcos, a corrida em terra, a luta, o lançamento de flechas e o desfile dos esquadrões de meninos, um dos quais é dirigido por Iulo (Ascânio), filho de Eneias. Enquanto isso, incitadas por Juno e Íris, as mulheres troianas incendiam as naus dardânias. Os troianos acorrem e conseguem salvar a maior parte dos navios, graças a uma tempestade enviada por Júpiter. Devido a essa demonstração de fraqueza das mulheres troianas, e aconselhado por Nauta, Eneias resolve deixar mulheres e velhos ali para fundar uma cidadela, enquanto os homens corajosos partiriam para a terra reservada pelos destinos, a Hespéria. Vênus pede a Netuno que garanta a viagem dos troianos com mar tranquilo, o que o deus dos mares faz, embora exija a morte de um troiano (Palinuro, o piloto) para pagar o salvamento de todos os outros.

LIVRO VI (Descida aos infernos)

Eneias e os seus aportam em Cumas e o herói troiano consulta o oráculo de Febo. A sacerdotisa desse deus, Deífobe, filha de Glauco, também chamada Sibila, fornece-lhe as informações e conselhos necessários para descer até o reino das Sombras, onde Eneias deve encontrar-se com seu pai Anquises, ato que faz parte de seu destino como prova a ser cumprida em sua missão de fundar uma nova Troia. Quando fazem os preparativos para os funerais de seu companheiro Miseno, morto há pouco, os troianos encontram o ramo de ouro do qual falara a Sibila, e que seria de fundamental importância para a viagem ao reino dos mortos. Depois de feitos os devidos sacrifícios, Eneias penetra na caverna que leva ao reino de Dite, acompanhado da sacerdotisa. Virgílio descreve, nestas passagens, como é o reino dos infernos, à medida que os dois caminham, obscuros, sob a noite solitária: os monstros, sentimentos e divindades que ali habitam, o lago Aqueronte, a barca do horrível Caronte, as almas dos mortos que este banqueiro atravessa para a outra margem *etc.* Eneias fala com Palinuro, que lhe revela sua morte insepulta e roga ao herói que lhe faça as honras fúnebres, ao voltar para o mundo dos vivos, mas a Sibila prevê ao falecido piloto as honras e os triunfos futuros de seu nome, acalmando-o. A Sibila e Eneias atravessam o Aqueronte na barca de Caronte, depois de mostrar-lhe o ramo de ouro, espécie de "passaporte divino" no reino dos mortos. Desembarcados, os dois caminham por diversas regiões, como a caverna de Cérbero; a área das crianças; a dos inocentes; a dos suicidas; a dos amantes infelizes (onde Eneias tem um rápido encontro com Dido); as muralhas onde os mais terríveis criminosos pagam por seus crimes (descrevem-se alguns dos mais famosos suplícios da mitologia). Ambos chegam, finalmente, aos campos Elísios, habitados pelos sacerdotes, artistas, e heróis piedosos e guerreiros. Lá encontram Anquises, que explica a Eneias uma série de coisas ligadas ao ciclo da vida e lhe mostra a sua futura descendência, que se prepara para nascer a partir daquele lugar. Enumera os futuros heróis, generais e governantes de Roma e incita o filho a continuar sua missão. Depois disso, a Sibila e Eneias deixam o reino de Dite e o troiano se junta de novo a seus companheiros, nas naus dardânias.

LIVRO VII

Os troianos passam perto da ilha de Circe, mas ali não aportam. Chegam, finalmente, à Hespéria. O poeta anuncia que a partir daí vai cantar as guerras e o combate, que ele considera um assunto

maior. O rei Latino, que governa o local, recebe dos deuses o aviso da chegada de Eneias, futuro esposo de sua filha Lavínia. O chefe dos troianos envia uma comitiva ao rei Latino, e faz-se um acordo de paz, mas a terrível Juno envia a deusa infernal Alecto, responsável pela guerra e pelas desgraças, para semear a discórdia entre esses povos. Ela incute a maldade no coração da rainha Amata, que era favorável ao casamento de Lavínia com Turno, seu sobrinho, e faz com que ela saia pelo reino semeando a loucura e a rebelião ao projeto de matrimônio de Lavínia com um estrangeiro (Eneias). Alecto também incita Turno ao combate. Teucros (troianos) e latinos iniciam uma sangrenta batalha, depois que Alecto fez com que Iulo (Ascânio) matasse um cervo de estimação dos latinos. A guerra é inevitável; o rei Latino, incapaz de evitá-la, abdica de suas funções de governante. Virgílio passa a enumerar os reis e povos que participarão de tal batalha, assim como suas origens e feitos.

LIVRO VIII

Vendo a preparação de seus inimigos, e aconselhado pelo deus do rio Tibre, Eneias e seus companheiros navegam para a Arcádia, cidade do rei Evandro, para pedir o auxílio desse chefe, parente distante dos troianos, que muito se compraz em se aliar ao exército de Eneias contra o inimigo latino comum. Os dois povos unidos banqueteam e fazem oferendas juntos. O rei Evandro mostra a Eneias a caverna onde Hércules, de quem seu povo descende, matou o semi-homem Caco. No banquete, os coros cantam os feitos de Hércules. O anfitrião mostra a Eneias o bosque de Saturno, onde se iniciou a história do povo latino, explica a origem do nome Lácio, mostra a porta Carmental, os outros bosques e as colinas famosas do local, lugares que mais tarde serão ocupadas por Roma e pelas cidades latinas. Durante a noite, quando Eneias dorme em casa de seu anfitrião, Vênus pede a seu esposo Vulcano que fabrique para Eneias armas divinas, como fizera para Aquiles a pedido de Tétis. O deus manco, seduzido e aniquilado pela beleza da deusa, consente e ordena a seus ciclopes a imediata confecção das armas. Eneias parte ao amanhecer, em direção aos inimigos, acompanhado dos seus troianos, de Palante, filho de Evandro, e das tropas que este lhe cedera como auxílio. Ao passarem num bosque para descansar, Vênus traz a Eneias as divinas armas, que Virgílio descreve minuciosamente até o fim do canto oitavo. O escudo traz gravadas imagens que representam o futuro de Roma, como a loba que amamentará Rômulo e Remo, a invasão gaulesa, os Césares, os generais romanos, a glória do Império Romano, os povos subjugados por ele *etc.*

LIVRO IX

Juno manda avisar Turno de que o acampamento teucro está desguarnecido, pois Eneias e muitos dos melhores troianos estão fora, na cidade do rei Evandro. Turno reúne o exército e marcha para o acampamento inimigo, onde tenta incendiar as naus troianas, sendo impedido por Júpiter, a pedido de sua mãe Cibele, protetora da montanha da qual saíra a madeira de que tinham sido feitas as naus. Os rútuos (o povo de Turno) se assustam com tal prodígio, mas acabam interpretando-o positivamente, e resolvem cercar as muralhas do acampamento e descansar, bebendo e se divertindo. À noite, os troianos Euríalo e Niso, filho de Hírtaco, se apresentam aos troianos e a Ascânio como voluntários para irem em busca de Eneias. Eles partem, promovem grande matança nas hostes inimigas acampadas, embriagadas de vinho, mas são cruelmente mortos por uma tropa que retornava ao exército rútuolo.

Ao amanhecer, os rútuos atacam as muralhas dos troianos, que resistem bravamente de cima dos muros, atirando-lhe dardos e pedras. A mãe de Euríalo, que o acompanhava desde Troia, é informada da morte do filho, e faz grande alarido, arrefecendo os ânimos dos teucros para a luta. Virgílio descreve as mortes que Turno e os outros rútuos infligem aos teucros; e a primeira morte praticada pelo jovem Ascânio, que atinge o arrogante Numano. Os gigantes Pândaro e Bícias, irresponsáveis, permitem a entrada dos inimigos por uma das portas da muralha, inclusive Turno, que os mata e a muitos outros. Mnesteu e Seresto exortam os companheiros troianos a resistir, e, estando em maior número, conseguem expulsar os inimigos e Turno, que foge através das águas do Tibre.

LIVRO X

Zeus convoca os deuses para questioná-los a respeito da desobediência de suas vontades, que previam a aliança dos troianos com os povos latinos. Depois de algumas discordâncias entre Juno e Vênus, Júpiter dá seu parecer final, decidindo-se a deixar os troianos e rútuos lutarem sozinhos, sem interferência dos imortais. "Os destinos encontrarão seu caminho", conclui o Pai dos deuses.

Enquanto isso, os rútuos reiniciam o ataque às muralhas do acampamento troiano. Eneias, acompanhado dos etruscos e árcades, que a ele tinham se aliado, chegam às praias onde a batalha se travava. No caminho até lá, as ninfas nas quais tinham se transformado as naus troianas tinham aparecido a Eneias e lhe predito bons futuros na batalha. O poeta invoca as musas para descrever e enumerar os aliados do filho de Anquises.

Com a chegada de Eneias, a batalha se acirra, com o chefe troiano provocando terríveis mortandades nas hordas latinas. Segue-se a narrativa da batalha, que por diversas vezes mantém-se equilibrada e indefinida. Turno mata Palante, filho do rei Evandro, causando grande tristeza nos árcades e em Eneias. Este último, diante de tal fato, é tomado de grande furor e passa a massacrar os inimigos. Juno, embora sabendo que o fim de Turno estava próximo e era inevitável, afasta-o da batalha, para ao menos prolongar-lhe um pouco a existência mortal. O descendente dos argivos Mezêncio, partidário de Turno e que provocava grandes perdas nos exércitos troianos, é ferido por Eneias, mas Lauso, seu filho, o salva da morte. O filho de Anquises, então, mata Lauso, mas logo se arrepende, admirando sua piedade filial, mesmo sentimento que movera Eneias no cerco de Troia, quando salvara do incêndio seu pai Anquises. Mezêncio tenta vingar a morte de Lauso, mas é também morto por Eneias.

LIVRO XI

Com a chegada da noite, ambas as partes param a guerra para enterrar e chorar seus mortos. Eneias, que cedera aos embaixadores inimigos os corpos dos rútuos mortos, faz grandes funerais e homenagens a Palante, cujo corpo é levado à cidade do rei Evandro, onde grande tristeza toma conta dos árcades. Evandro pede que Eneias vingue a morte de seu filho, matando Turno. Enquanto isso, na cidade do rei Latino, a discussão quanto aos rumos da batalha ocupa os latinos e seus aliados. Drances defende uma aliança com os troianos e culpa Turno por tão sanguinária guerra. A situação se complica com a chegada dos embaixadores que tinham ido, sem sucesso, buscar o auxílio do argivo Diomedes. Turno repreende o invejoso Drances e exorta os rútuos a lutar até a morte pela sua cidade.

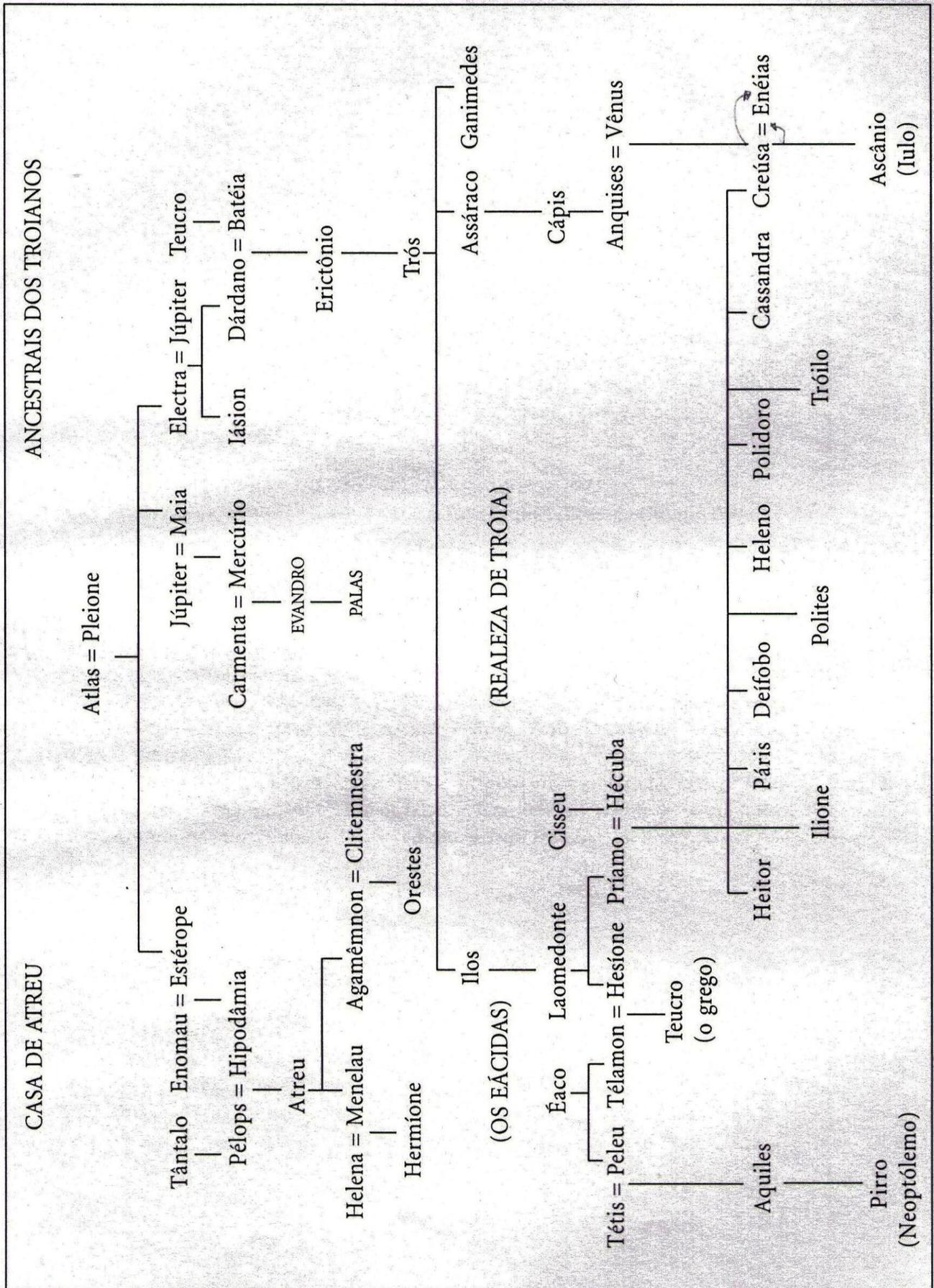
Neste momento Eneias e os teucros marcham para a cidade do rei Latino, e os rútuos partem para a defesa. As mulheres rútuas vão ao templo de Palas para pedirem o auxílio da Tritônia. Enquanto Turno prepara, num desfiladeiro próximo uma emboscada para Eneias, os rútuos defendem a cidade, liderados pela guerreira amazona Camila, cuja história o poeta conta rapidamente. A batalha acirra-se; Camila põe por terra uma multidão de troianos, mas é morta pelo covarde Arrunte. A descrição da morte da virgem é belíssima; ao morrer pede à sua companheira Aca que avise Turno de sua morte e o anime à batalha. Aca assim o faz, e Turno acaba deixando o desfiladeiro para dirigir seu exército à cidade de Latino, furioso com a morte da aliada. Ambos os exércitos, teucros e latinos, acampam em volta das muralhas do rei Latino. Latona envia a ninfa Ópis para vingar a morte de Camila, enterrando uma divina flecha no corpo de Arrunte.

LIVRO XII

Turno, possuído de cólera pelas perdas que os seus sofreram, e embora o rei Latino e a rainha Amata tentassem dissuadi-lo, propõe-se a combater sozinho com Eneias e assim decidir os destinos da guerra. O troiano concorda, o campo de combate é preparado e as oferendas feitas aos deuses. Juno, porém, pede a Juturna, ninfa irmã de Turno, que vá em socorro do irmão, cujo destino está já traçado e lhe é funesto. Em meio às oferendas, Juturna incita os rútuos a quebrarem o pacto de trégua

que os dois lados haviam firmado a fim de que se desse o combate entre Eneias e Turno. Com isso, a batalha se reinicia sangüinária. Eneias é ferido por uma flecha anônima e sai do combate, amparado pelos companheiros e pelo filho. Aproveitando-se, Turno promove grande matança de troianos, até que Eneias, curado por Vênus, sua mãe, retorna ao campo, iniciando, por sua vez, grande mortandade de rútuos, embora seu objetivo principal fosse Turno. A guerra torna-se indefinida, até que o herói teucro, inspirado por Vênus, dirige seu exército para a cidade do rei Latino, desguarnecida, que invade. A rainha Amata, pensando que Turno fora morto, se suicida, aumentando ainda mais o desconsolo que já ia se apoderando dos rútuos. Avisado, o chefe latino corre para salvar a cidade. Dá-se, então, o combate entre os dois chefes, o troiano apoiado, às vezes, por Vênus, o rútuolo, por sua irmã Juturna. No Olimpo, Júpiter convence Juno a abandonar o ódio pelos troianos, já que os destinos imutáveis desejam a vitória e a perpetuação daquele povo. A rainha dos deuses cede, não sem antes fazer algumas exigências quanto à permanência da língua e dos costumes latinos no novo povo que vai se formar com a conquista dos troianos sobre os latinos. Júpiter envia uma das Fúrias ao campo de batalha, levando a morte a Turno. Eneias vence finalmente e mata Turno, que assassinara Palante, filho do rei Evandro.

Casas Reais da Grécia e de Tróia



Retirado de VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. O. Mendes. Notas e glossário de Luiz Alberto Machado Cabral. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.

ALFABETOS LATINO E GREGO

NOSSO ALFABETO ATUAL		ALFABETO LATINO		PRONÚNCIA (LATIM)
Maiúsc.	Minúsc.	Maiúsc.	Minúsc.	
A	a	A	a	[a]
B	b	B	b	[b]
C	c	C	c	[k]
D	d	D	d	[d]
E	e	E	e	[e]
F	f	F	f	[f]
G	g	G	G	[g]
H	h	H	h	[r]
I	i	I	i	[i] ³ , [j] ⁴
J	j			
K	k	K	K	[k]
L	l	L	l	[l] ⁷
M	m	M	m	[m]
N	n	N	n	[n]
O	o	O	o	[o]
P	p	P	p	[p]
Q	q	Q	q	[k] ⁸
R	r	R	r	[rrr], [r]
S	s	S	s	[s]
T	t	T	t	[t]
U	u	V	u	[u], [w] ¹⁰
V	v			
W	w			
X	x	X	x	[ks]
Y ¹¹	y	Y	y	[ü]
Z ¹²	z	Z	z	[dz], [z]

ALFABETO GREGO ¹		Transcrição do grego em caracteres latinos	Nome da Letra	PRONÚNCIA (GREGO)
Maiúsc.	Minúsc.			
A	α	A, a	alpha	[a]
B	β	B, b	beta	[b]
Γ	γ	G, g	gamma	[g], [n] ²
Δ	δ	D, d	delta	[d]
E	ε	Ē, ě	épsilon	[ê]
Z	ζ	Z, z	zeta	[dz], [zd]
H	η	Ē, ē	eta	[é]
Θ	θ	Th, th	theta	[th]
I	ι	I, i	iota	[i] ⁵ , [j] ⁶
K	κ	K, k; C, c	kappa	[k]
Λ	λ	L, l	lambda	[l]
M	μ	M, m	mu	[m]
N	ν	N, n	nu	[n]
Ξ	ξ	X, x	xi	[ks]
O	ο	Ō, ō	ômicron	[ô]
Π	π	P, p	pi	[p]
P	ρ	R, r	rho	[rrr]
Σ	σ, ς ⁹	S, s	sigma	[s]
T	τ	T, t	tau	[t]
Υ	υ	Y, y; U, u	upsilon	[ü]
Φ	φ	Ph, ph	phi	[pf]
X	χ	Kh, kh, Ch, ch	khi	[kh]
Ψ	ψ	Ps, ps	psi	[ps]
Ω	ω	Ō, ō	ômega	[ó]

¹ Percebam que a ordem de apresentação do alfabeto grego não é igual à do nosso alfabeto.

² Antes de κ, ξ, χ ou outro γ.

³ i vogal.

⁴ i semivogal. O i era a letra usada para representar a semivogal [j], já que o j (pronúncia [ʒ]) não existia em latim.

⁵ i vogal.

⁶ i semivogal.

⁷ Pronunciar sempre [l], mesmo em fim de palavra: animal: [animal] e não [animaw].

⁸ O q sempre aparece junto de um u: quattuor (quatro) pronuncia-se [kwator].

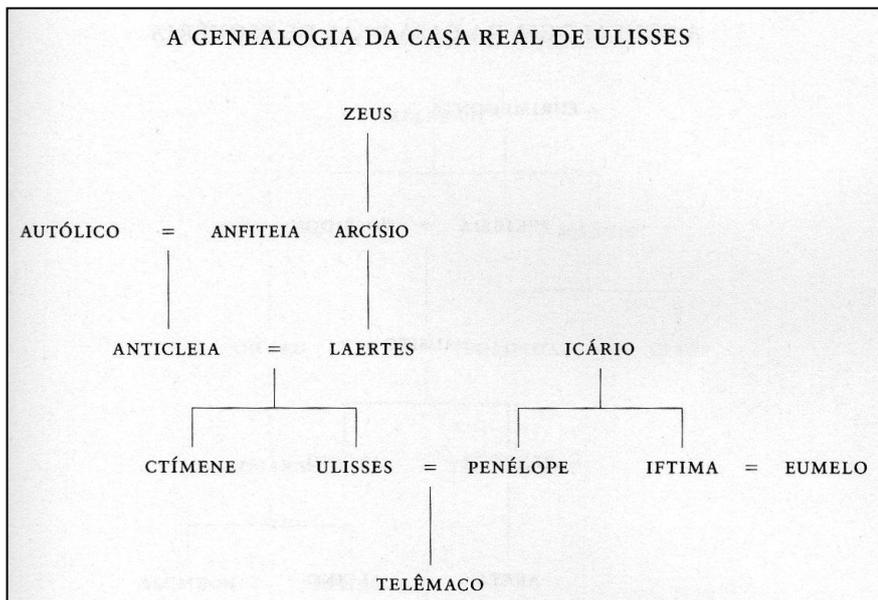
⁹ Para a letra s minúscula, os gregos usavam σ em meio de palavra e ς em final de palavra.

¹⁰ O u era a letra usada para representar a semivogal [w], já que o v (pronúncia [v]) não existia em latim.

¹¹ O Y foi introduzido no fim no século I a.C. para transcrever palavras gregas.

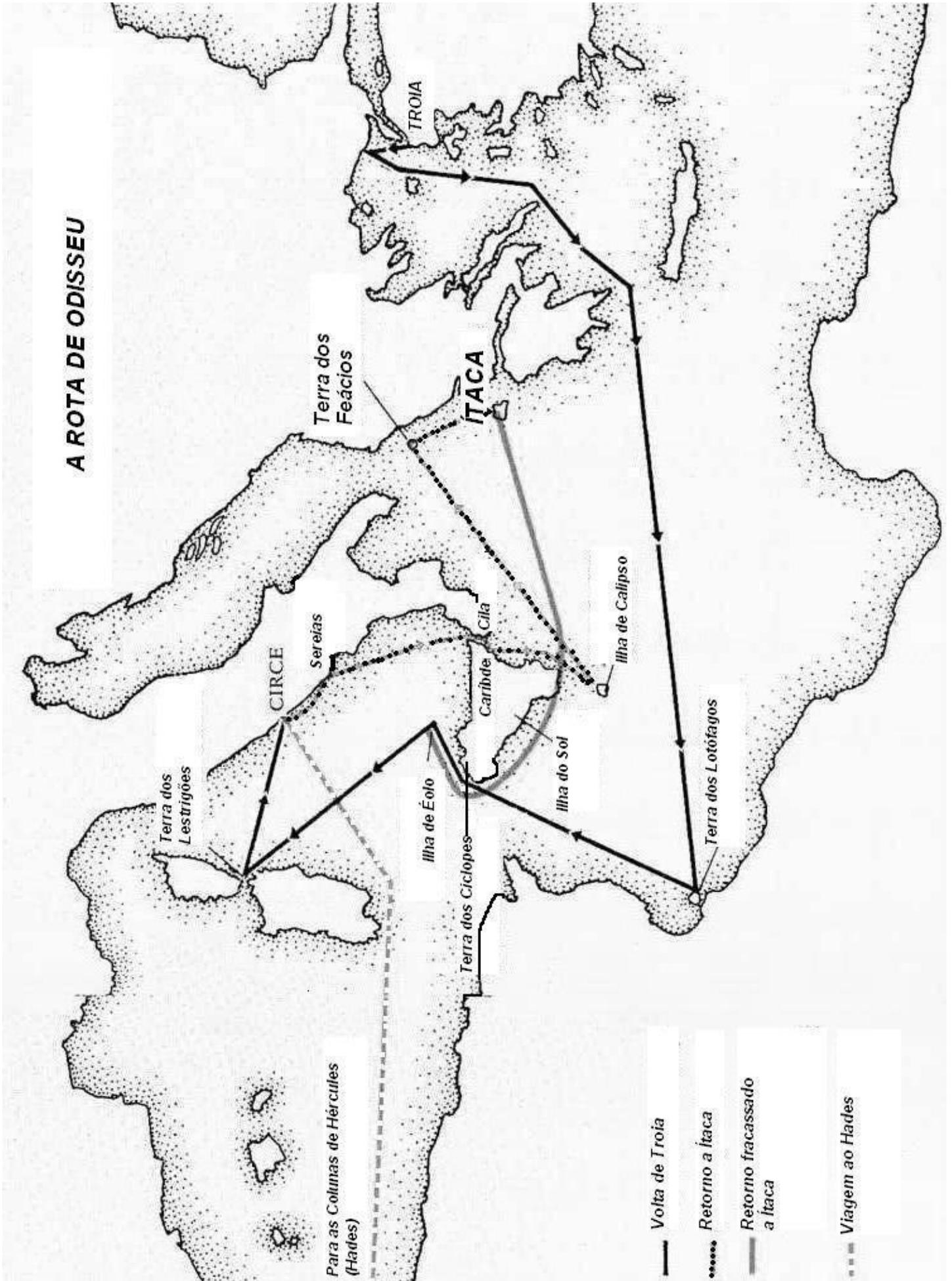
¹² O Z também foi introduzido no fim no século I a.C. para transcrever palavras gregas.



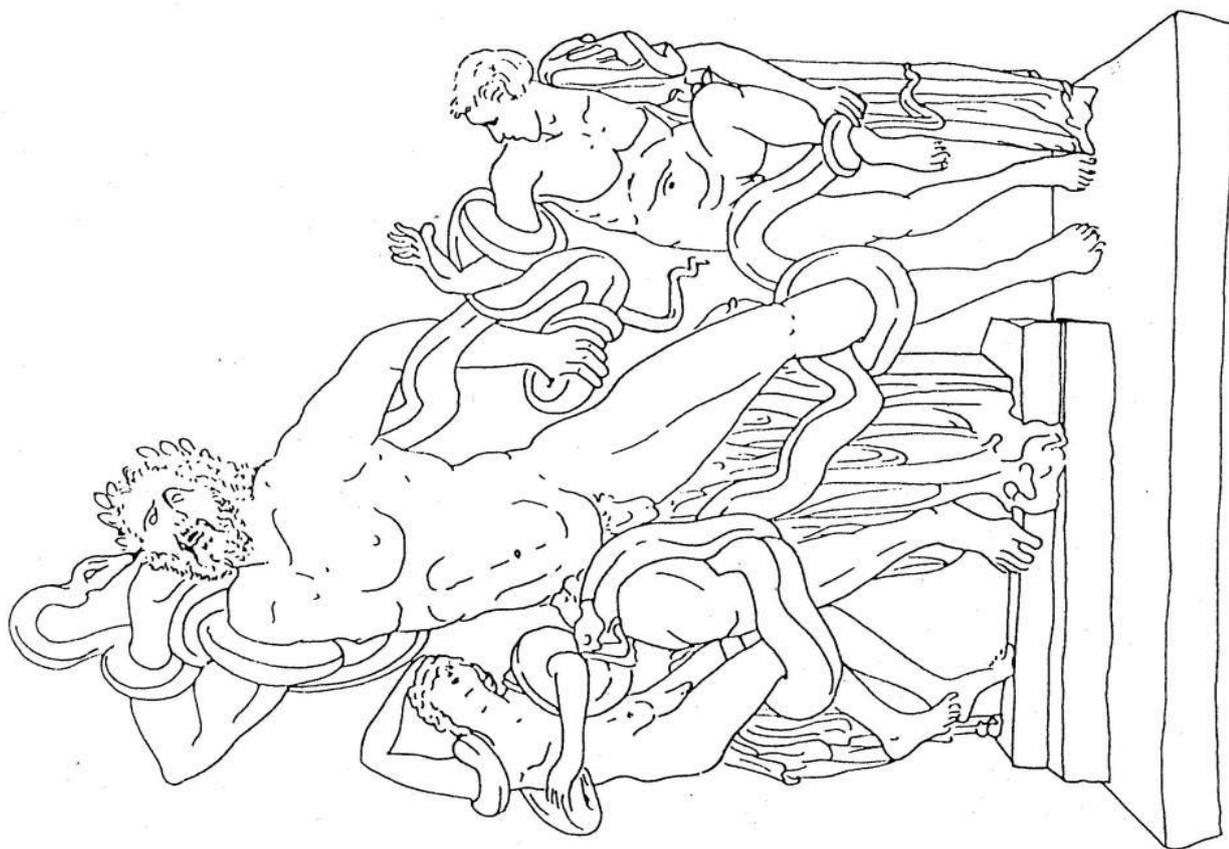
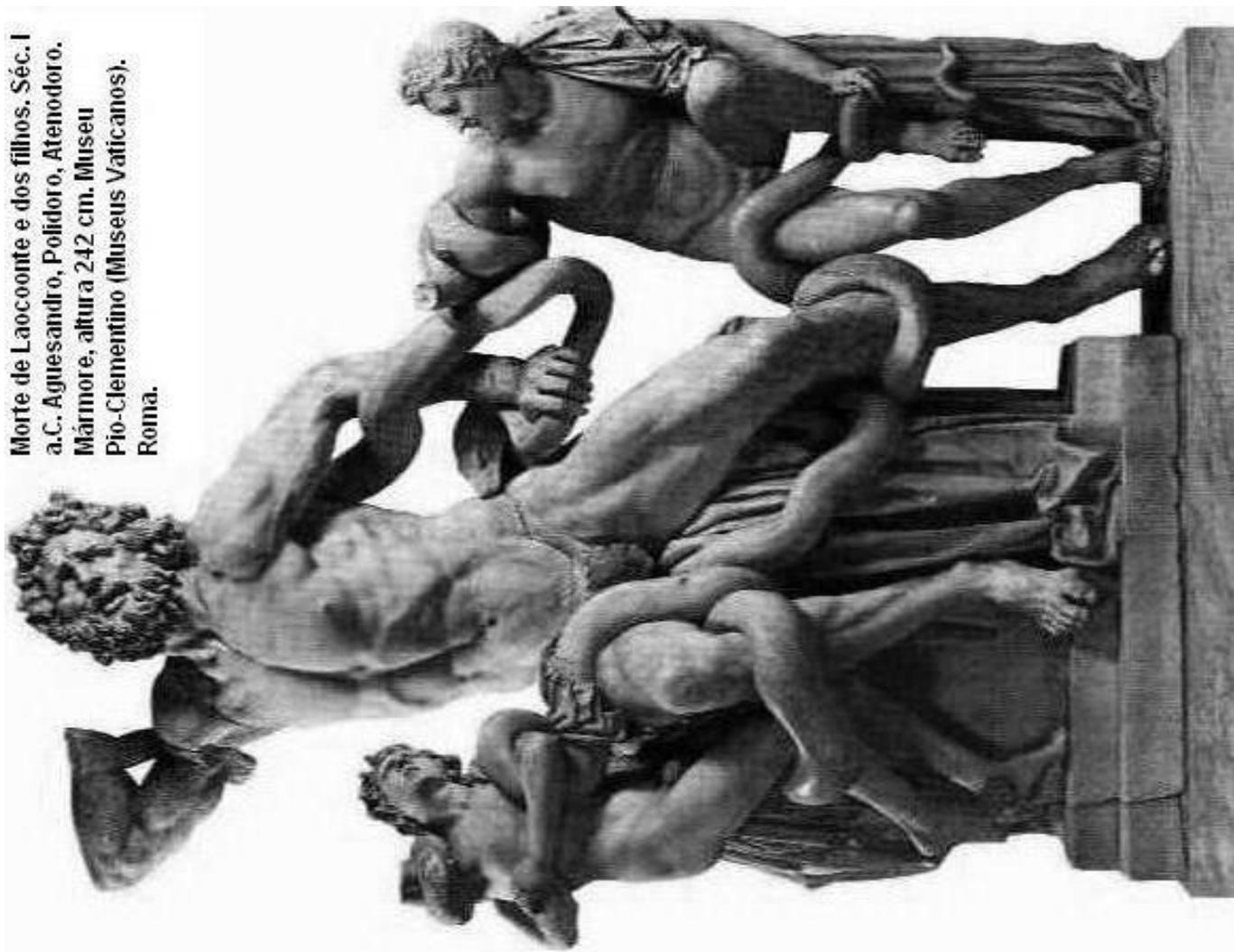


Retirado de: Homero. *Odisseia*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2011.

A ROTA DE ODISSEU



Morte de Laocoonte e dos filhos. Séc. I
a.C. Aguesandro, Polidoro, Atenodoro.
Mármore, altura 242 cm. Museu
Pio-Clementino (Museus Vaticanos).
Roma.



LAOCOONTE. - Ricostruzione di E. Simon del gruppo vaticano.

Fonte sem limo, pura prata em ondas límpidas, 407
jorrava. Nem pastor se achega, nem pastando
seu rebanho montês, ou gado avulso, acode.
Nem pássaro, nem fera, nem, tombando, um ramo 410
perturba a úmida grama que o frescor irriga.
O bosque impede o sol de aquecer este sítio.
Da caça e do calor exausto, aqui vem dar
Narciso, seduzido pela fonte amena.
Se inclina, vai beber, mas outra sede o toma: 415
enquanto bebe o embebe a forma do que vê.
Ama a sombra sem corpo, a imagem, quase-corpo.
Se embevece de si, e no êxtase pasmo,
é um signo marmóreo, uma estátua de Paros.
De braços, vê dois sóis, astros gêmeos, seus olhos. 420
Contempla seus cabelos dignos de Apolo
ou de Baco; suas faces, seu pescoço branco,
a elegância da boca; a tez, neve e rubor.
No mirar-se, admira o que nele admiram.
Deseja-se a si próprio, a si mesmo se louva, 425
súplice e suplicado, atea o fogo e arde.
Quantos beijos vazios deu na mentira d'água!
Quantas vezes tentou captar o simulacro
e mergulhou os braços abraçando nada!
Não sabe o que está vendo, mas no ver se abrasa: 430
o que ilude seus olhos mais o açula ao erro.
Crédulo buscador de um fantasma fugaz!
O que buscas não há: se te afastas, desfaz-se.
Esta imagem que colhes é um reflexo: foge,
não subsiste em si mesma. Vem contigo. Fica 435
se estás. Se partes – caso o possas – ela esvai-se.
Nem Ceres – o alimento, nem o sono – paz,
nada o tira de lá. Prostrado em relva opaca
contempla as falsas formas sem saciar os olhos.

Fons erat inlimis, nitidis argenteus undis,
Quem neque pastores neque pastae monte capellae
Contigerant aliudue pecus, quem nulla uolucris
Nec fera turbarat nec lapsus ab arbore ramus.
Gramen erat circa, quod proximus umor alebat,
Siluaque sole locum passura tepescere nullo.
Hic puer, et studio uenandi lassus et aestu,
Procubuit faciemque loci fontemque secutus.
Dumque sitim sedare cupit, sitis altera creuit;
Dumque bibit, uisae correptus imagine formae,
Spem sine corpore amat; corpus putat esse quod umbra est.
Adstupet ipse sibi uultuque inmotus eodem
Haeret, ut e Pario formatum marmore signum.
Spectat humi positus geminum, sua lumina, sidus
Et dignos Baccho, dignos et Apolline crines
Impubesque genas et eburnea colla decusque
Oris et in niueo mixtum candore ruborem
Cunctaque miratur quibus est mirabilis ipse.
Se cupit inprudens et qui probat ipse probatur,
Dumque petit petitur pariterque accendit et ardet.
Inrita fallaci quotiens dedit oscula fonti!
In mediis quotiens uisum captantia collum
Bracchia mersit aquis nec se deprendit in illis!
Quid uideat, nescit; sed quod uidet, uritur illo,
Atque oculos idem, qui decipit, incitat error.
Credule, quid frustra simulacra fugacia captas?
Quod petis, est nusquam; quod amas, auertere, perdes.
Ista repercussae, quam cernis, imaginis umbra est.
Nil habet ista sui; tecum uenitque manetque;
Tecum discedet, si tu discedere possis.

Non illum Cereris, non illum cura quietis
Abstrahere inde potest; sed opaca fusus in herba
Spectat inexploto mendacem lumine formam

Por seu olhar se perde. Meio-erguido, os braços 440
 aos bosques circunstantes agitando, indaga:
 “Houve, bosques, como este, outro amor tão cruel?
 Sabeis. Destes refúgio a muitos que sofriam
 de amor. Houve outro em tantos séculos de vida
 – vossa memória é longa – que como eu pensasse? 445
 Vejo o que amo, mas o que amo e vejo, nunca
 posso tomá-lo, e em tanto erro insisto amando.
 O que mais dói porém: não nos separa um mar,
 montes, caminho longo, sólidas muralhas.
 Água exígua nos tolhe. O outro também aspira 450
 a mim: sempre que beijo a amada face líquida,
 seus lábios refletidos tendem para os meus.
 É como se o tocasse: nos impede um mínimo.
 Sai fora dessa fonte! Vem! Por que me iludes,
 evasivo menino? Em formas ou idade, 455
 nada em mim pode haver que te repugne. Ninfas
 me amaram! No teu rosto leio bons prenúncios:
 quando te estendo os braços, braços me distendes;
 se rio, sorris; lágrimas respondem lágrimas,
 se choro; a meu aceno, acena tua cabeça. 460
 Adivinho palavras em tua linda boca,
 móveis palavras, que ao ouvido não me chegam.
 Sou eu este outro! Não me ilude a imagem fútil.
 Queimo no amor de mim, no incêndio que me ateio.
 Que hei de fazer? Rogando, sou rogado. A quem 465
 e como suplicar? A mim cobiço e tenho:
 pobre e rico de mim. Quero evadir meu corpo,
 desejo estranho num amante! Separar-se
 daquilo mesmo que ama. Agora a dor vence.
 Exaurido de amor, expiro em minha aurora. 470
 A morte não me pesa, alivia-me as penas.
 Quisera perdurar naquele a quem adoro:
 ambos, num só concordes, morreremos juntos.”
 Diz, e volta abismado a contemplar o espelho

Perque oculos perit ipse suos; paulumque leuatus,
 Ad circumstantes tendens sua bracchia siluas:
 “Ecquis, io siluae, crudelius” inquit “amauit?
 Scitis enim et multis latebra opportuna fuistis.
 Ecquem, cum uestrae tot agantur saecula uitae,
 Qui sic tabuerit, longo meministis in aeuo?
 Et placet et uideo; sed quod uideoque placetque
 Non tamen inuenio; tantus tenet error amantem.
 Quoque magis doleam, nec nos mare separat ingens
 Nec uia nec montes nec clausis moenia portis;
 Exigua prohibemur aqua. Cupit ipse teneri;
 Nam quotiens liquidis porreximus oscula lymphis,
 Hic totiens ad me resupino nititur ore.
 Posse putes tangi; minimum est, quod amantibus obstat.
 Quisquis es, huc exi; quid me, puer unice, fallis?
 Quoue petitus abis? certe nec forma nec aetas
 Est mea quam fugias et amarunt me quoque nymphae.
 Spem mihi nescio quam uultu promittis amico;
 Cumque ego porrexi tibi bracchia, porrigis ultro;
 Cum risi, adrides. Lacrimas quoque saepe notauit
 Me lacrimante tuas; nutu quoque signa remittis;
 Et, quantum motu formosi suspicor oris,
 Verba refers aures non peruenientia nostras.
 Iste ego sum; sensi, nec me mea fallit imago;
 Vror amore mei, flammis moueoque feroque.
 Quid faciam? roger ane rogem? quid deinde rogabo?
 Quod cupio mecum est; inopem me copia fecit.
 O utinam a nostro secedere corpore possem!
 Votum in amante nouum, uellem quod amamus abesset.
 Iamque dolor uires adimit, nec tempora uitae
 Longa meae superant, primoque exstinguor in aeuo.
 Nec mihi mors grauis est posituro morte dolores;
 Hic, qui diligitur, uellem diuturnior esset.
 Nunc duo concordes anima moriemur in una.”
 Dixit et ad faciem rediit male sanus eandem

d'água, e o turva de lágrimas, e a imagem vã 475
em círculos dissipa-se. Ao vê-la que foge,
exclama: “Fica! Não me destituas, má
visão, cruel fantasma em que me nutro e onde,
intocado de mim, deliro de paixão!”
Rasga, doido de dor, as vestes em pedaços 480
e pune o peito nu com seus dedos de mármore.
Ferido, o peito vai-se tingindo de rubro,
como um fruto que em parte se oferece branco
e em parte enrubesce; ou as uvas num cacho,
imaturas, aos poucos se fazendo púrpura. 485
Quando – igual – se revê na onda liquêfeita,
não mais suporta. Como a cera loura funde
ao fogo leve e a fria geada matutina
desfaz-se ao sol, assim Narciso, pouco a pouco,
pela chama de amor se fina e se consome. 490
Sua tez não mais figura neve enrubescida,
nem força, nem vigor, tudo o que à vista agrada,
nada resta em seu corpo, outrora amado de Eco,
a ninfa, que ao fitá-lo se condói, ferida
embora pelo seu desprezo. A ninfa chora 495
e “Ai!” lhe responde aos “ais”, duplica seus lamentos.
Toda vez que ele fere os braços, repercute
o som dos golpes Eco. Às águas familiares
voltando o olhar, Narciso diz com voz extrema:
“Fugaz menino amado! Ai!” E o sítio em torno 500
lhe repete as palavras. Diz: “Adeus!” e “Adeus!”
retorna a ninfa. Então no verde pousa a fronte.
A noite lhe clausura os olhos, luz que se ama.
Recebido no Inferno, assim mesmo esses olhos
se deleitam, mirando-se no Estígio. Choram 505
as Náíades o irmão, em tributo cortando
os cabelos. As Dríades deploram. Eco
ressoa o pranto. As tochas fúnebres se agitam.
Mas o corpo não há. Em seu lugar floresce
um olho de topázio entre pétalas brancas. 510

Et lacrimis turbavit aquas, obscuraque moto
Reddita forma lacu est. Quam cum uidisset abire:
“Quo refugis? remane nec me, crudelis, amantem
Desere;” clamavit “liceat, quod tangere non est
Adspicere et misero praeberere alimenta furori.”
Dumque dolet, summa uestem deduxit ab ora
Nudaque marmoreis percussit pectora palmis.
Pectora traxerunt roseum percussa ruborem,
Non aliter quam poma solent, quae, candida parte,
Parte rubent, aut ut uariis solet uua racemis
Ducere purpureum nondum matura colorem.
Quae simul aspexit liquefacta rursus in unda,
Non tulit ulterius; sed, ut intabescere flauae
Igne leui cerae matutinaeque pruinae
Sole tepente solent, sic attenuatus amore
Liquitur et tecto paulatim carpitur igni.
Et neque iam color est mixto candore rubori,
Nec uigor et uires et quae modo uisa placebant,
Nec corpus remanet, quondam quod amauerat Echo.
Quae tamen ut uidit, quamuis irata memorque,
Indoluit, quotiensque puer miserabilis “eheu!”
Dixerat, haec resonis iterabat uocibus “eheu!”
Cumque suos manibus percusserat ille lacertos,
Haec quoque reddebat sonitum plangoris eundem.
Ultima uox solitam fuit haec spectantis in undam:
“Heu frustra dilecte puer!” totidemque remisit
Verba locus; dictoque uale “uale!” inquit et Echo.
Ille caput uiridi fessum submitit in herba;
Lumina mors clausit domini mirantia formam.
Tum quoque se, postquam est inferna sede receptus,
In Stygia spectabat aqua. Planxere sorores
Naides et sectos fratri posuere capillos;
Planxerunt dryades; plangentibus adsonat Echo.
Iamque rogam quassasque faces feretrumque parabant;
Nusquam corpus erat; croceum pro corpore florem
Inueniunt foliis medium cingentibus albis.

“LÍRICOS”

ARQUÍLOCO (séc. VII a.C.)

Fr. 5 W (elegia):

ἀσπίδι μὲν Σαίων τις ἀγάλλεται, ἦν παρὰ θάμνῳ,
ἔντος ἀμώμητον, κάλλιπον οὐκ ἐθέλων·
αὐτὸν δ' ἐξεσάωσα. τί μοι μέλει ἀσπίς ἐκείνη;
ἔρρέτω· ἐξαῦτις κτήσομαι οὐ κακίῳ.

*Com um escudo um saio ufana-se, o qual junto à moita,
arma irrepreensível, deixei sem querer,
mas salvei-me. Que me importa aquele escudo?
Que vá! Arranjo outro, não pior. (Corrêa, 2009)*

*Um Saio ora se escora em meu escudo,
Arma sem par, que ao léu abandonei,
E a vida assim salvei, largando tudo,
Um tal escudo, enfim, não lembrarei.
Pois suma! Outro melhor eu compro, é tudo.*

(Antônio Medina Rodrigues)

Fr. 13 W (elegia)

κῆδεα μὲν στονόεντα Περικλεες οὔτε τις ἀστῶν
μεμφόμενος θαλίης τέρψεται οὐδὲ πόλις·
τοίους γὰρ κατὰ κῦμα πολυφλοῖσβοιο θαλάσσης
ἔκλυσεν, οἰδαλέους δ' ἀμφ' ὀδύνης ἔχομεν
πνεύμονας. ἀλλὰ θεοὶ γὰρ ἀνηκέστοισι κακοῖσιν 5
ὦ φίλ' ἐπὶ κρατερὴν τλημοσύνην ἔθεσαν
φάρμακον. ἄλλοτε ἄλλος ἔχει τόδε· νῦν μὲν ἐς ἡμέας
ἐτράπεθ', αἱματόεν δ' ἔλκος ἀναστένομεν,
ἐξαῦτις δ' ἐτέρους ἐπαμείψεται. ἀλλὰ τάχιστα
τλήτε, γυναικίῳ πένθος ἀπώσάμενοι.

*Mágoas doloridas, Péricles, nenhum cidadão
argüindo em festas se alegre nem a cidade;
pois tais homens o fluxo do multiespraiado mar
submergiu e inundados em dor temos
o peito; mas os deuses aos incuráveis males,
amigo, ânimo firme sobrepuseram 5
como remédio; outra vez outro sofre; pois agora
é nossa vez, sangrenta chaga gememos,
que de novo a outros passará; mas vamos, rápido
reagi, feminina dor repelindo.*

(Souza, 1984)

Fr. 128 W (jambo – tetrâmetros trocaicos)

θυμέ, θύμ', ἀμηχάνοισι κήδεσιν κυκώμενε
†ἀναδευ δυσμενῶν† δ' ἀλέξεο προσβαλῶν ἐναντίου
στέρνου τένδοκοισιν ἐχθρῶν πλησίον κατασταθεῖς
ἀσφαλῆως· καὶ μήτε νικέων ἀμφάδην ἀγάλλεο,
μηδὲ νικηθεῖς ἐν οἴκῳ καταπεσῶν ὀδύρεο,
ἀλλὰ χαρτοῖσιν τε χαῖρε καὶ κακοῖσιν ἀσχάλα
μὴ λίην, γίνωσκε δ' οἷος ῥυσμὸς ἀνθρώπους ἔχει.

*Coração, coração de imediatos nojos agitado,
levanta, às aflições resiste lançado em contrário
peito, a embustes de inimigos de perto contraposto
com firmeza; e nem vencendo abertamente exultes
nem derrotado em casa abatido te lamentes,
mas com alegrias te alegre e com reverses te aflige
sem excesso; e conhece qual ritmo regra os homens.*

(Trad. José Cavalcante de Souza)

SAFO (séc. VII-VI a.C.)

Ode à Afrodite – Fr. 1 Voigt

ποικιλόθρον' ἀθανάτ' Ἀφρόδιτα,
παῖ Δίος δολόπλοκε, λίσσομαί σε,
μὴ μ' ἄσαισι μηδ' ὀνίαισι δάμνα,
πότνια, θῦμον,

ἀλλὰ τυίδ' ἔλθ', αἶ ποτα κἀτέρωτα
τάς ἕμας αὐδᾶς αἰοῖσα πῆλοι
ἔκλυες, πάτρος δὲ δόμον λίποισα
χρῦσιον ἦλθες

ἄρμ' ὑπασδεύξαισα· κάλοι δέ σ' ἄγον
ᾠκεες στρουῦθοι περὶ γᾶς μελαίνας
πύκνα δίννεντες πτέρ' ἀπ' ὠράνωϊθε-
ρος διὰ μέσσω,

αἶψα δ' ἐξίκοντο· σὺ δ', ᾧ μάκαιρα,
μειδίασαισ' ἀθανάτω προσώπῳ
ἦρέ' ὅτι δηῦτε πέπονθα κῶττι
δηῦτε κάλημι,

κῶττι μοι μάλιστα θέλω γένεσθαι
μαινόλα θυμῳ· τίνα δηῦτε πείθω
ἄψ σ' ἄγην ἐς φάν φιλότατα; τίς σ', ᾧ
Ψάφ', δικήει;

καὶ γὰρ αἶ φεύγει, ταξέως διώξει·
αἶ δὲ δῶρα μὴ δέκετ', ἀλλὰ δώσει·
αἶ δὲ μὴ φίλει, ταξέως φιλήσει
κῶκ ἐθέλοισα.

ἔλθε μοι καὶ νῦν, χαλέπαν δὲ λῦσον
ἐκ μερίμναν, ὅσσα δέ μοι τέλεσσαι
θῦμος ἡμέρρει, τέλεσον· σὺ δ' αὐτὰ
σύμμαχος ἔσσο.

De flóreo-manto-furta-cor, ó imortal Afrodite,
filha de Zeus, a tece-ardis, suplico-te:
não me domes com angústias e náuseas,
veneranda, o coração,

mas para cá vem, se já outrora -
a minha voz ouvindo de longe - me
atendeste, e de teu pai deixando a casa
áurea a carruagem

atrelando vieste. E belos te conduziram
velozes pardais em torno da terra negra -
rápidas asas turbilhonando céu abaixo e
pelo meio do éter.

De pronto chegaram. E tu, ó venturosa,
sorrindo em tua imortal face,
indagaste por que de novo sofro e por que
de novo te invoco,

e o que mais quero que me aconteça em meu
desvairado coração. “Quem de novo devo persuadir
(?) ao teu afeto? Quem, ó
Safo, te maltrata?”

Pois se ela foge, logo perseguirá;
e se presentes não aceita, em troca os dará,
e se não ama, logo amarás,
mesmo que não queira”.

Vem até mim também agora, e liberta-me dos
duros pesares, e tudo o que cumprir meu
coração deseja, cumpre; e, tu mesma,
sê minha aliada-de-lutas.

(Trad. Giuliana
Ragusa)

Ode à Anactória – Fr. 16 Voigt

οἱ μὲν ἱππῶν στρότον οἱ δὲ πέσδων
οἱ δὲ νάων φαῖσ' ἐπὶ γὰν μέλαιναν
ἔμμεναι κάλλιστον, ἔγω δὲ κῆν ὅτ-
τω τις ἔραται·

πάγχυ δ' εὐμαρες σύνετον πόησαι
πάντι τοῦτ', ἃ γὰρ πόλυ περκέθοισα
κάλλος ἀνθρώπων Ἑλένα τὸν ἀνδρα
τὸν πανάριστον

καλλίποισ' ἔβα ἴς Τροϊαν πλέοι σα
κωῦδε παῖδος οὐδὲ φίλων τοκήων
πάμπαν ἐμνάσθη, ἀλλὰ παράγαγ' αὐταν
]σαν

]αμπτον γάρ]
]...κούφως τ]]οισ[.]ν
με νῦν Ἀνακτορίας ὀνέμναι-
σ' οὐ παρεοίσας·

τὰς κε Βολλοίμαν ἔρατον τε Βᾶμα
Κάμάρυγμα λάμπρον ἴδην προσώπω
ἢ τὰ Λύδων ἄρματα κὰν ὄπλοισι
Πεσδομάχεντας.

A]guns, renque de cavalos, outros, de soldados,
e outros, de naus - sobr[e] a terra neg[r]a dizem
s]er a coisa mais bela, mas eu (digo): o que quer
que se ame.

In]teiramente fácil fazer compreensível a
t]odos i[s]so, pois a que muito superou
em beleza os [hom]ens, Helena, [o] marido,
o [mais no]bre,

tendo de[ixa]do, foi para Troia navegan[do],
até mesm[o da fi]lha e dos queridos p[la]is
comp[letamente] esquecida, mas desencaminhou-a
(...]

] (...) pois [
] (...)[
] (...) agora traz-me Anactór[ia à l]embran-
ça, a] que está ausente,

S]eu adorável caminhar quisera ver,
e o brilho luminoso de seu rosto,
a ver dos lídios as carruagens e a armada
infan]taria.

(Trad. Giuliana Ragusa)

Fr. 31 Voigt

Φαίνεται μοι κῆνος ἴσος θεοῖσιν
ἔμμεν' ὦνηρ, ὅττις ἐνάντιός τοι
ἰσδάνει καὶ πλάσιον ἄδου φωνεί-

σας ὑπακούει

4

καὶ γελαίσας ἰμέροεν, τό μ' ἦ μὰν
καρδίαν ἐν στήθεσιν ἐπτόαισεν·
ὥς γὰρ (ἔς) σ' ἴδω βρόχε' ὥς με φώνη-

σ' οὐδὲν ἔτ' εἶκει,

8

ἀλλὰ τκαμτ μὲν γλωσσαι τεᾶγεται, λέπτων
δ' αὐτικά χρωῖ πῦρ ὑπαδεδρόμακεν,
ὀππάτεσσι δ' οὐδὲν ὄρημμ', ἐπιβρό-

μεισι δ' ἄκουσαι,

12

τέκαδετ μ' ἴδρωσ κακχέεται, τρόμος δὲ
παῖσαν ἄγρει, χλωροτιέρα δὲ πιοῖας
ἔμμι, τεθινάκην δ' ὀλίγω ἴπιδειύης

φαῖνομι' ἔμ' αὐτ[αι]

16

ἀλλὰ πὰν τόλματον, ἐπεὶ τκαὶ πένητατ

Parece-me par dos deuses
ser o homem que ante de ti
senta-se e de perto te ouve
a doce voz

e o riso desejoso. Sim isso
me atordo a coração no peito:
tão logo te olho, nenhuma voz
me vem

mas calada a língua se quebra,
leve e sob a pele um fogo me corre,
com os olhos nada vejo, sobrezum-
bem os ouvidos

frio suor me envolve, tremo
toda tremor, mais verde que relva
estou, pouco me parece faltar-me
para a morte.

Mas tudo é ousável e sofrível...

(Trad. Jaa
Torrano)

Fr. 47 Voigt

Ἔρος δ' ἐτίναξέ <μοι>
φρένας, ὡς ἄνεμος κάτ' ὄρος δρύϊν ἐμπέτων

... *Ēros sacudiu meus*

sensos, qual vento montanha abaixo caindo sobre as árvores ... (Ragusa, 2005)

Fr. 114 Voigt (epitalâmio)

(νύμφη) παρθενία, παρθενία, ποῖ με λίποις' ἀκπλοίχη;

(παρθενία) τοῦκέτι ἤξω πρὸς σέ, οὐκέτι ἤξω†

[noiva] – *virgindade, virgindade, aonde, ao me deixar, tu foste?*

[virgindade] – *eu nunca voltarei a ti; nunca voltarei* (Fontes, 2003)

Fr. 130 Voigt:

Ἔρος δηῦτε μ' ὁ λυσιμέλης δόνει,
γλυκύπικρον ἀμάχανον ὄρπετον

... *Ēros de novo – o solta-membros – me agita,
doce-amarga inelutável criatura ...*

(Ragusa, 2005)

de novo, Eros me arrebatou, ele, que pôe quebrantos no corpo, dociamaro, invencível serpente	(trad. Joaquim Brasil Fontes, 2003)
--	-------------------------------------

Fr. 168B Voigt

δέδυκε μὲν ἅ σελάννα
καὶ Πληΐαδες· μέσαι δὲ
νύκτες, παρὰ δ' ἔρχετ' ὥρα,
ἔγω δὲ μὴ κατεύδω

Imergiu a lua
e também as Plêiades;
meia-noite, caminha o tempo,
e eu sozinha durmo...

(Trad. Giuliana Ragusa, 2011)

a Lua já se pôs, as Plêiades também; é meia-
noite; a hora passa e eu,
deitada estou, sozinha

(Trad. Joaquim Brasil Fontes, 2003)

ITALY



CATULO (87-84 a.C. – 57-54 a.C.)

Poema 2 (Trad. de João Angelo Oliva Neto)

Pássaro, delícias de minha amiga –
com quem brincar e ter no colo, a quem
no ataque dar a ponta dos dedinhos
e acres dentadas incitar costuma
quando lhe apraz ao meu desejo ardente
um capricho, um gracejo preparar,
não sei qual, só um consolo à sua dor,
creio, para acalmar o ardor assim –
pudesse eu como ela brincar contigo
e a mente esquecer pensamentos tristes!
(...)

Hendecassílabo falécio

--
- ~ / - ~ ~ / - ~ / - ~ / - ~
~ -

*Passer, deliciae meae puellae,
quicum ludere, quem in sinu tenere,
quoi primum digitum dare adpetenti
et acris solet incitare morsus,
cum desiderio meo nitenti* 5
*carum nescio quid ludet iocari
et solaciolum sui doloris,
credo, ut tum grauis acquiescat ardor;
tecum ludere sicut ipsa posse
et tristis animi leuare curas* 10

Poema 3 (Trad. de João Angelo Oliva Neto)

Podeis chorar, ó Vênus, ó Cupidos,
e quantos homens mais sensíveis vivam:
Morreu o pássaro de minha amiga,
o pássaro, delícias da menina,
que bem mais que seus olhos ela amava,
pois era mel e tanto a conhecia
quanto a filha conhece a própria mãe
e de seu colo nunca se movia
mas saltitando em torno aqui e ali
somente a ela sempre pipiava.
Agora vai por via escura lá
de onde, dizem, ninguém voltou jamais.
Ah! malditas, vós, trevas más do Orco
que devorais as belas coisas todas:
um pássaro tão belo me roubastes.
Ah, que maldade! Ah, pobre passarinho!
Por tua culpa os olhinhos dela estão
vermelhos e inchadinhos de chorar.

*Lugete, o Veneres Cupidinesque,
et quantum est hominum uenustiorum.
Passer mortuus est meae puellae,
passer, deliciae meae puellae,
quem plus illa oculis suis amabat;* 5
*nam mellitus erat suamque norat
ipsam tam bene quam puella matrem,
nec sese a gremio illius mouebat,
sed circumsiliens modo huc modo illuc
ad solam dominam usque pipiabat.* 10
*Qui nunc it per iter tenebricosum
illuc, unde negant redire quemquam.
At uobis male sit, malae tenebrae
Orci, quae omnia bella deuoratis;
tam bellum mihi passerem abstulistis.* 15
*O factum male! o miselle passer!
Tua nunc opera meae puellae
flendo turgidoli rubent ocelli.*

Poema 5 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

Vamos viver, minha Lésbia, e amar,
e aos rumores dos velhos mais severos,
a todos, voz nem vez vamos dar. Sóis
podem morrer ou renascer, mas nós
quando breve morrer a nossa luz,
perpétua noite dormiremos, só.
Dá mil beijos, depois outros cem, dá
muitos mil, depois outros sem fim, dá
mais mil ainda e enfim mais cem – então
quando beijos beijarmos (aos milhares!)
vamos perder a conta, confundir,
p’ra que infeliz nenhum possa invejar,
se de tantos souber, tão longos beijos.

*Viuamus, mea Lesbia, atque amemus,
rumoresque senum serueuiorum
omnes unius aestimemus assis.
soles occidere et redire possunt;
nobis curn semel occidit breuis lux, 5
nox est perpetua una dormienda.
Da mi basia mille, deinde centum,
dein mille altera, dein secunda centum,
deinde usque altera mille, deinde centum.
Dein, cum millia multa fecerinus, 10
conturbabimus illa, ne sciamus,
aut ne quis malus inuidere possit,
cum tantum sciat esse basiorum.*

Poema 8 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

Coliambo

υ - / υ - / υ - / υ - / υ - / - υ
- - - - -

Infeliz Catulo, deixa de loucura,
e o que pereceu considera perdido.
Outrora brilharam-te dourados sóis
quando ias aonde levava a menina
amada por nós como ninguém será;
Lá muitos deleites havia que bem
querias tu e ela não queria mal.
É certo, brilharam-te dourados sóis...
Agora ela não quer: tu, louco, não queiras
nem busques quem foge nem vivas aflito,
porém, duramente suporta, resiste.
Vai, menina, adeus, Catulo já resiste,
não vai te implorar nem à força exigir-te
mas quando ninguém te quiser vais sofrer.
Ai de ti, maldita, que vida te resta?
Pois quem vai te ver? P’ra quem te enfeitarás?
E quem vais amar? De quem dirá que és?
Quem há de beijar? Que lábios vais morder?
Mas tu, Catulo, resoluto, resiste.

*Miser Catulle, desinas ineptire,
et quod uides perisse perditum ducas.
Fulsere quondam candidi tibi soles,
cum uentitabas quo puella ducebat
amata nobis quantum amabitur nulla. 5
Ibi illa multa tum iocosa fiebant,
quae tu uolebas nec puella nolebat.
Fulsere uere candidi tibi soles.
Nunc jam illa non uolt: tu quoque. inpotens, noli,
nec quae fugit sectare, nec miser uiue, 10
sed obstinata mente perfer obdura.
Vale, puella. Iam Catullus obdurat,
nec te requiret nec rogabit inuitam;
at tu dolebis, cum rogaberis nulla.
Scelesta, uae te; quae tibi manet uita! 15
Quis nunc te adibit? cui uideberis bella?
Quem nunc amabis? cuius esse diceris?
Quem basiabis? cui labella mordebis?
At tu, Catulle, destinatus obdura.*

Poema 13 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

Jantarás bem, Fabulo, em minha casa,
muito em breve se os deuses te ajudarem,
se contigo lewares farto e bom
jantar, e não sem fina artista, vinho,
graça e as risadas todas. Isso tudo,
se lewares, encanto meu, garanto,
jantarás bem, pois teu Catulo tem
o bolso cheio de teias de aranha.
Em troca aceitarás meros amores
e o que há de mais suave ou elegante,
pois um perfume te darei que à minha garota
Vênus e os Cupidos deram,
que ao sentires aos deuses vais pedir
te façam, Fabulo, todo nariz.

Marcial, III.12: intertexto com Catulo, 13

(trad. Robson T. Cesila)

Bom perfume – é verdade – aos teus convivas
ontem deste, mas nada pra comer.
Passar fome cheirando bem: que cômico!
Quem não janta, Fabulo, e se perfuma,
verdadeiro defunto me parece.

*Cenabis bene, mi Fabulle, apud me
paucis, si tibi dei fauent. diebus,
si tecum attuleris bonam atque magnam
cenam, non sine candida puella
et uino et sale et omnibus cachinnis. 5
Haec sei, inquam, attueris, uenuste noster
cenabis bene; nam tui Catulli
plenus sacculus est aranearum.
Sed contra accipies meros amores
seu quid suauius elegantiusue est; 10
nam unguentum dabo, quod meae puellae
donarunt Veneres Cupidinesque,
quod tu cum olfacies, deos rogabis,
totum ut te faciant, Fabulle, nasum.*

*Vnguentum, fateor, bonum dedisti
conuiuis heri, sed nihil scidisti.
Res salsa est bene olere et esurire.
Qui non cenat et ungitur, Fabulle,
hic uere mihi mortuus uidetur.*

Poema 16 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos,
Aurélio bicha e Fúrio chupador,
que por meus versos breves, delicados,
me julgastes não ter nenhum pudor.
A um poeta pio convém ser casto
ele mesmo, aos seus versos não há lei.
Estes só tem sabor e graça quando
são delicados, sem nenhum pudor,
e quando incitam o que excite não
digo os meninos, mas esses peludos
que jogo de cintura já não tem
E vós, que muitos beijos (aos milhares!)
já lestes, me julgais não ser viril?
Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos.

*Pedicabo ego uos et irrumabo,
Aureli pathice et cinaede Furi,
qui me ex uersiculis meis putastis,
quod sunt molliculi, parum pudicum. 5
Nam castum esse decet pium poetam
ipsum, uersiculos nihil necesse est,
qui tum denique habent salem ac leporem,
si sunt molliculi ac paruuum pudici
et quod pruriat incitare possunt, 10
non dico pueris, sed his pilosis
qui duros nequeunt mouere lumbos.
Vos, quei millia multa basiorum
legistis, male me marem putastis?
Pedicabo ego uos et irrumabo.*

Poema 51 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

Ele parece-me ser par de um deus,
ele, se é fás dizer, supera os deuses,
esse que todo atento o tempo todo
contempla e ouve-te

doce rir, o que pobre de mim todo
sentido rouba-me, pois uma vez
que te vi, Lésbia, nada em mim sobrou
DE VOZ NA BOCA

mas torpece-me a língua e leve os membros
uma chama percorre e de seu som
os ouvidos tintinam, gêmea noite
cega-me os olhos.

O ócio, Catulo, te faz tanto mal.
No ócio tu exultas, tu vibras demais.
ócio já reis e já ricas cidades
antes perdeu.

*Ille mi par esse deo uidetur,
ille, si fas est, superare diuos,
qui sedens aduersus identidem te
spectat et audit*

*dulce ridentem, misero quod omnis
eripit sensus mihi; nam simul te,
Lesbia, aspexi, nihil est super mi
vocis in ore,*

*lingua sed torpet, tenuis sub artus
flamma demanat, sonitu suopte
tintinant aures, gemina teguntur
lumina nocte.*

*Otium, Catulle, tibi molestum est;
otio exultas nimiumque gestis.
Otium et reges prius et beatas
perdidit urbes.*

Safo, Fr. 31 Voigt (trad. Torrano)

Parece-me par dos deuses
ser o homem que ante de ti
senta-se e de perto te ouve
a doce voz

e o riso desejoso. Sim isso
me atordoa o coração no peito:
tão logo te olho, nenhuma voz
me vem

mas calada a língua se quebra,
leve e sob a pele um fogo me corre,
com os olhos nada vejo, sobrezum-
bem os ouvidos

frio suor me envolve, tremo
toda tremor, mais verde que relva
estou, pouco me parece faltar-me
para a morte.

Mas tudo é ousável e sofrível...

Estrofe sáfica menor:

- ∪ / - ∪ / - ∪ ∪ / - ∪ / - ∪
- ∪ / - ∪ / - ∪ ∪ / - ∪ / - ∪
- ∪ / - ∪ / - ∪ ∪ / - ∪ / - ∪
- ∪ ∪ / - ∪
-

Poema 27 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

Menino que vertes velhos Falernos,
me serve, ministro, taças amargas,
que a lei de Postúmia, a mestra, requer,
mais bêbada que uva em mosto embebida.
Fora daqui, águas, ide bem longe –
ruína do vinho – junto aos severos
migrarai, que este é puro néctar de Baco.

*Minister uetuli puer Falerni
inger mi calices amariores,
ut lex Postumiae iubet magistræ
ebria acina ebriosioris.
At uos quo lubet hinc abite, lymphæ,
uini pernicies, et ad seueros
migrate; hic merus est Thyonianus.*

Poema 48 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

Beijar os teus olhos – Juvêncio –
de mel, beijaria mil vezes,
cem mil, sem ficar satisfeito,
nem mesmo se a messe de beijos
mais espessa fosse, mais densa
que um feixe de espigas bem cheias.

*Mellitos oculos tuos, Iuuenti,
siquis me sinat usque basiare,
usque ad milia basiem trecenta,
nec numquam uidear satur futurus,
non si densior aridis aristis
sit nostrae seges osculationis.*

5

Poema 70 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

Minha mulher me diz que com ninguém se casa
menos eu, nem se Júpiter pedir.
Diz. Mas o que a mulher diz ao amante ardente
convém 'screver no vento e na água rápida.

*Nulli se dicit mulier mea nubere malle
quam mihi, non si se Iuppiter ipse petat.
Dicit; sed mulier cupido quod dicit amanti
in uento et rapida scribere oportet aqua.*

Dístico Elegíaco

Hexâmetro

— ◡ / — ◡ / — ◡ / — ◡ / — ◡ / — ◡
— — / — — / — — / — — / — ◡ / — ◡

Pentâmetro

— ◡ / — ◡ / — / — ◡ / — ◡ / —
— — / — — / — / — ◡ / — ◡ / —

Poema 85 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

Odeio e amo. Talvez queiras saber "como?"
Não sei. Só sei que sinto e crucifico-me.

*Odi et amo. Quare id faciam fortasse requiris.
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.*

Marcial, I.32 (intertexto com Catulo, 85)

(Trad. Robson T. Cesila)

Não gosto de ti, Sabídio, e nem sei por quê;
só uma coisa sei: não gosto de ti.

*Non amo te, Sabidi, nec possum dicere quare.
Hoc tantum possum dicere: non amo te.*

Poema 101 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

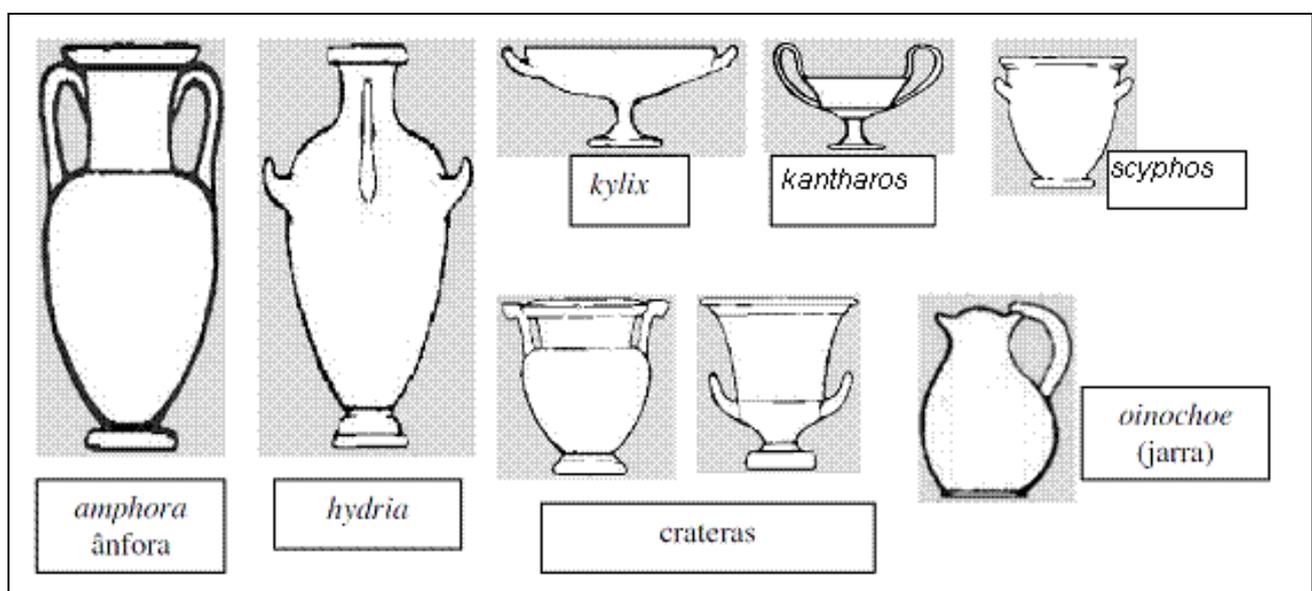
Por muitos povos e por muitos mares vindo,
chego, irmão, a teu túmulo infeliz
para última dar-te dádiva de morte
e só falar a muda cinza em vão
pois Fortuna tolheu-me de tudo que foste,
ah! triste irmão tão cedo a mim roubado!
Agora o que por longa tradição dos pais
ao túmulo se traz – dádiva ingrata –
aceita em muito choro fraterno banhada.
E para sempre, irmão, olá e adeus.

*Multas per gentes et multa per aequora uectus
aduenio has miseris, frater ad inferias,
ut te postremo donarern munere martis
et mutam nequiquam allaquerer cinerem,
quandoquidem fortuna mihi tete abstulit ipsum, 5
heu miser indigne frater adempte mihi.
Nunc tamen interea haec prisco quae more parentum
tradita sunt tristi munere ad inferias,
accipe fraterno multum manantia fletu,
atque in perpetuum, frater, que atque uale. 10*

Poema 115 (Trad. João Angelo Oliva Neto)

Pinto tem bens: tem trinta jeiras de pastagem,
quarenta de lavoura e o resto é mangue.
Não venceria Cresos em riqueza quem tem
num só barranco tanta propriedade –
campos e pastos, muitos bosques, mato, pântano –
até ao Oceano e aos Hiperbóreos?
Tudo tem grande, e ele, entretanto, é o maior,
não homem, porém pinto, o perigoso.

*Mentula habet instar triginta iugera prati,
quadraginta arui; cetera sunt maria.
Cur non diuitiis Croesum superare potis sit,
uno qui in saltu tot bona possideat,
prata, arua, ingentis siluas saltusque paludesque 5
usque ad Hyperboreos et mare ad Oceanum?
Omnia magna haec sunt, tamen ipsest maximus ultro,
non homo, sed uero mentula magna minax.*



HORÁCIO (65 a.C.-8 d.C.)

Odes, I.11 (trad. Robson T. Cesila)

Tu não indagues, é nefasto saber, que fim a mim ou a ti
os deuses reservaram, **Leucônoe**, nem consultes os números babilônios.

Quão melhor é suportar o que quer que venha!

Quer Júpiter tenha te concedido muitos invernos, quer este

que agora extenua o mar Tirreno de encontro às rochas seja o último, 5

sejas sensata, **coes o vinho** e num espaço breve de tempo

limites uma **longa esperança**. Enquanto falamos, **terá fugido o tempo invejoso**.

Colhe o dia (de hoje), acreditando o mínimo possível no **dia seguinte**.

*Tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi quem tibi
finem di dederint, **Leuconoe**, nec Babylonios
temptaris numeros. Vt melius, quidquid erit, pati!
Seu plures hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare 5
Tyrrenum, sapias, **uina liques**, et spatio breui
spem longam reseces. Dum loquimur **fugerit inuida
aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.***

Não buscarás, saber é proibido, ó Leucônoe,
que fim reservarão a mim, a ti os Deuses;
nem mesmo os babilônios números perscrutes...
Seja lá o que for, melhor é suportar!
Quer Júpiter nos dê ainda mil invernos,
quer venha a conceder apenas este último,
que agora estilha o mar Tirreno nos penhascos,
tem siso, os vinhos vai bebendo, e a esperança,
de muito longa, faz caber em curta vida.
Foge invejoso o tempo, enquanto conversamos.
Colhe o dia de hoje e não te fies nunca,
um momento sequer, no dia de amanhã...

Trad.
Ariovaldo
Augusto
Peterlini

Odes, I.4 (trad. Robson T. Cesila)

Dissipa-se o rigoroso inverno com o grato retorno da primavera e do Favônio,
e as máquinas arrastam as quilhas secas;
ao rebanho já não agrada ficar nos currais nem ao lavrador ficar junto ao fogo
e os prados já não alvejam com as brancas geadas.
Já Vênus Citeréia conduz os coros, sob a lua sobranceira,
e as Graças formosas, acompanhadas das Ninfas,
batem a terra com pé alternado, enquanto o ardente Vulcano
inspeciona as oficinas laboriosas dos Ciclopes.
Agora convém **enlaçar a reluzente cabeça** ou com a verde murta
ou com a flor que as terras revolvidas produzem;
agora convém também imolar a **Fauno**, nos bosques umbrosos,
quer ele peça uma cordeira, quer prefira um cabrito.
A pálida Morte **bate com o mesmo pé** nas choupanas dos pobres
e nos palácios dos reis. Ó feliz Séstio,
a breve soma da vida nos impede de iniciar **longas esperanças**.
Já te oprimem a Noite, os Manes fabulosos
e a fugaz casa de Plutão; quando para lá fores,
não sortearás, com os dados, o reinado do vinho,
nem vais admirar o **tenro Lícidas**, por quem toda a juventude
agora arde e por quem logo as virgens se apaixonarão.

*Soluitur acris hiems grata uice ueris et Fauoni
trahuntque siccas machinae carinas,
ac neque iam stabulis gaudet pecus aut arator igni
nec prata canis albicant pruinis.
Iam Cytherea choras ducit Venus, imminente luna, 5
iunctaeque Nymphis Gratiae decentes
alterno terram quatiunt pede, dum graues Cyclopum
Vulcanus ardens uisit officinas.
Nunc decet aut uiridi **nitidum caput impedire** myrto
aut flore, terrae quem ferunt solutae; 10
nunc et in umbrosis **Fauno** decet immolare lucis,
seu poscat agna siue malit haedo.
Pallida Mors **aequo pulsat pede** pauperum tabernas
regumque turres. O beate Sesti,
uitae summa brevis spem nos uetat inchoare **longam**. 15
Iam te premet nox **fabulaeque Manes**
et domus exilis **Plutonia**, quo simul mearis,
nec regna uini sortiere talis
nec **tenerum Lycidan** mirabere, quo calet iuuentus
nunc omnis et mox uirgines tepebunt. 20*

Brando se faz o rigoroso inverno,
 pois já lá vêm Favônio e a primavera;
 são levadas ao mar as secas quilhas.
 Já não se aquece o gado nos estábulos,
 não goza o lavrador junto à lareira,
 nem mais alveja o prado a branca geada.
 Já, à clara lua, Vênus Citerea
 dirige os coros, e as formosas Graças
 juntas às Ninfas, batem, em cadência,
 pés alternos, a terra; dos Ciclopes
 Vulcano acende as duras oficinas.
 Convém cingir agora a fronte unguida
 do verde mirto ou das olentes flores,
 que a mole terra reproduz fecunda.
 Convém agora que se imole a Fauno,
 nos sagrados, sombrios bosques, anho
 ou cabrito, conforme o seu desejo.

Pálida, a morte, eqüitativa, bate
 às cabanas dos pobres e aos palácios
 dos ricos. Ó feliz Séstio, esta vida
~~breve não nos promete uma esperança~~
 longa. Eis já aí a noite, os fabulosos
 manes e os reinos de Plutão vazios,
 onde então, quando para lá partires,
 não mais, com dados, tirarás à sorte
 o reinado do vinho, como dantes,
 nem mais admirarás o jovem Lícidas,
 por quem ora se abrasa a juventude
 e, logo mais, se abrasarão as virgens.

Trad.
 Bento
 Prado de
 Almeida
 Ferraz

Odes, II.14 (trad. Robson T. Cesila)

Ah, Póstumo, Póstumo! **Fugazes**
 se escoam os anos e a virtude não pode retardar
 as rugas e a iminente velhice
 nem a morte indomável,

não, ainda que com trezentos touros, todos os dias,
 ó amigo, agradeas ao ilacrimável
 Plutão, que o três vezes corpulento
 Gerião e Tício aprisiona

com um rio horrendo, o qual por todos nós
 que nos alimentamos dos dons da terra
 deverá ser navegado, sejamos nós reis
 ou pobres colonos.

Em vão abster-nos-emos do cruento Marte
 e das ondas quebradas do rouco Adriático,
 em vão temeremos, durante os outonos,
 o Austro nocivo aos nossos corpos:

teremos de visitar o negro Cocito que erra
 em lânguida correnteza, e a raça infame de Dânao
 e o filho de Éolo, Sísifo,
 condenado a um longo trabalho.

Teremos de abandonar a terra e a casa e a prazerosa
 esposa, e destas árvores que cultivas,
 propriedade tua por breve tempo, nenhuma te seguirá,
 exceto os odiosos ciprestes;

um herdeiro, mais digno, consumirá os Cécubos
 guardados a cem chaves e tingirá
 o chão com um vinho soberbo,
 melhor que o das ceias dos pontífices.

Eheu fugaces, Postume, Postume,
labuntur anni nec pietas moram
rugis et instanti senectae
adferet indomitaque morti,

non, si trecentis quotquot eunt dies, 5
 amice, places inlacrimabilem
 Plutona tauris, qui ter amplum
 Geryonen Tityonque tristi

compescit unda, scilicet omnibus 10
 quicumque terrae munere vescimur
 enaviganda, sive reges
 sive inopes erimus coloni.

Frustra cruento Marte carebimus 15
 fractisque rauci fluctibus Hadriae,
 frustra per autumnos nocentem
 corporibus metuemus Austrum:

visendus ater flumine languido 20
 Cocytos errans et Danai genus
 infame damnatusque longi
 Sisyphus Aeolides laboris.

Linquenda tellus et domus et placens 25
 uxor, neque harum quas colis arborum
 te praeter invisas cupressos
 ulla brevem dominum sequetur;

absumet heres Caecuba dignior 25
 servata centum clavibus et mero
 tinguet pavimentum superbo,
 pontificum potiore cenis.

Odes, I.9 (trad. Robson T. Cesila)

Vês como se eleva branco com a neve
o Soracte e como já não suportam o peso
os bosques fatigados e como os riachos
se estagnaram com o áspero gelo?

Acaba com o frio colocando sobre o fogo
lenha em abundância e, **mais liberalmente**,
retira de um vaso Sabino de duas asas,
ó Taliarco, o vinho de quatro anos.

Confia o resto aos deuses, que, tão logo
fizeram tombar sobre o férvido mar os ventos
que se digladiam, nem os ciprestes,
nem os velhos freixos se agitam.

O que será futuro amanhã, evita buscar, e
o dia, seja qual for, que a sorte te der,
usa em teu proveito, e os doces amores
tu, jovem, não rejeites, nem as danças,

enquanto a velhice está distante de teus verdes anos.
Agora, que se busquem o Campo de Marte, as praças
e os doces sussurros sob a noite,
em momento conveniente,

agora, que se busquem o riso delicioso
de oculta menina, traidor de seu esconderijo,
e o penhor tirado de seus braços
ou de seu dedo que pouco resiste.

*Vides ut alta stet niue candidum
Soracte nec iam sustineant onus
siluae laborantes geluque
flumina constiterint acuto?*

Dissolue frigus ligna super foco 5
*large reponens atque benignius
deprome quadrimum Sabina,
o Thaliarche, merum diota.*

Permitte diuis cetera, qui simul 10
*strauere uentos aequore feruido
deproeliantes, nec cupressi
nec ueteres agitantur orni.*

Quid sit futurum cras, fuge quaerere, et 15
*quem fors dierum cumque dabit, lucro
adpone nec dulces amores
sperne, puer, neque tu choreas,*

donec uirenti canities abest
morosa. Nunc et Campus et areae
lenesque sub noctem susurri 20
composita repetantur hora,

nunc et latentis proditor intumo
gratus puellae risus ab angulo
pignusque dereptum lacertis
aut digito male pertinaci.

Tomás Antônio Gonzaga (Marília de Dirceu, I.14)

Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vêm depois dos prazeres a desgraça.
Estão os mesmos Deuses
Sujeitos ao poder do ímpio Fado:
Apolo já fugiu do Céu brilhante,
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem, que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte.
Qual fica no sepulcro,
Que teus avós ergueram, descansado;
Qual no campo, e lhe arranca os brancos ossos
Ferro do torto arado.

Ah! Enquanto os Destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos.
Um coração, que frouxo
A grata posse de seu bem difere,
A si, Marília, a si próprio rouba,
E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores;
E façamos de feno um brando leito,
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de são Amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que passa,
Também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cansado;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.
A mesma formosura
É dote, que só goza a mocidade:
Rugam-se as faces, o cabelo alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela?
Que vão passando os florescentes dias?
As glórias, que vêm tarde, já vêm frias;
E pode enfim mudar-se a nossa estrela.
Ah! Não, minha Marília,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças
E ao semblante a graça.

Camões

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Quiser que tanto tempo viva delas,
Que veja escuro o lume das estrelas,
Em cuja vista o meu se acende e mata;

E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas sem colhê-las,
Mostrando a linda cor das tranças belas
Mudada de ouro fino em bela prata;

Vereis, Senhora, então também mudado
O pensamento e aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança;

Suspirareis então pelo passado,
Em tempo quando executar-se possa
Em vosso arrepende minha vingança.

Camões

Está-se a primavera transladando
Em vossa vista deleitosa e honesta;
Nas lindas faces, olhos, boca e testa,
Boninas, lírios, rosas debuxando.

De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto pode manifesta
Que o monte, o campo, o rio e a floresta
Se estão de vós, Senhora, namorando.

Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fruto destas flores,
Perderão toda a graça vossos olhos.

Porque pouco aproveita, linda dama,
Que semeasse Amor em vós amores,
Se vossa condição produz abrolhos.

Basílio da Gama (1741-1795)

Já, Mafisa cruel, me não maltrata
Saber que usas comigo de cautelas,
Qu'inda te espero ver, por causa delas,
Arrependida de ter sido ingrata.

Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrelas;
Verás murchar no rosto as faces belas,
E as tranças d'ouro converter-se em prata.

Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de sofrer da idade os danos,
Por que me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, enquanto dura,
Já que dura tão pouco, a flor dos anos.

Píndaro, Pítica, VIII

Ἐν δ' ὀλίγω βροτῶν
τὸ τερπνὸν αὐξεται· οὐτῶ δὲ καὶ πίπτει χαμαί,
Ἐπάμεροι· τί δὲ τις; τί δ' οὐ τις; σκιᾶς ὄναρ
ἄνθρωπος.

Num instante cresce
o prazer dos mortais; e assim cai por terra,
abalado por desígnio extraviante.
Efêmeros: alguém o que é? O que não é? sonho de sombra,
o homem.

Ronsard (século XVI) – “pour Helène”

Quand vous serez bien vieille, au soir à la chandelle,
Assise auprès du feu, devidant et filant,
Direz chantant mes vers, en vous esmerveillant:
“Ronsard me célébroit du temps que j'étois belle.”

Lors vous n'auray servante oyant telle movelle,
Desja sous le labeur à demy sommeillant,
Qui au bruit de mon nom ne s'aille resveillant,
Benissant vostre nom de louange immortelle.

Je seray sous la terre, et fantôme sans os
Par les ombres myrteux je prendray mon repos;
Vous serez au foyer une vieille accroupie,

Regrettant mon amour et vostre fier desdain.
Vivez, si m'en croyez, n'attendez à demain:
Cueillez dès aujourd'hui les roses de la vie.

(tradução de Guilherme de Almeida)

Quando fores bem velha, à noite, à luz da vela,
Junto ao fogo do lar, dobando o fio e fiando,
Dirás, ao recitar meus versos e pasmando:
Ronsard me celebrou no tempo em que fui bela.

E entre as servas então não há de haver aquela
Que, já sob o labor do dia dormitando,
Se o meu nome escutar não vá logo acordando
E abençoando o esplendor que o teu nome revela.

Sob a terra eu irei, fantasma silencioso,
Entre as sombras sem fim procurando repouso:
E em tua casa irás, velhinha combalida,

Chorando o meu amor e o teu cruel desdém.
Vive sem esperar pelo dia que vem:
Colhe hoje, desde já, colhe as rosas da vida.

Odes, III.30 (trad. Robson T. Cesila)

Terminei um monumento mais eterno que o bronze e mais alto que a construção real das pirâmides, o qual nem a chuva voraz nem o Aquilão desenfreado pode destruir, nem a série inumerável dos anos ou a fuga das estações.

Não morrerei por completo e grande parte de mim Sobreviverá à Libitina; eu sempre crescerei, renovado pelo louvor dos pósteros, enquanto ao Capitólio o pontífice subir junto com a virgem calada.

Onde o violento Áufido rumoreja e onde Dauno reinou, com escassez de água, sobre povos agrestes, dir-se-á que eu, de humilde a poderoso, fui o primeiro a trazer o poema eólio aos metros da Itália. Fica orgulhosa, ó Melpómene, com os méritos alcançados, e os meus cabelos cinge benigna com o louro délfico.

*Exegi monumentum aere perennius
regalique situ pyramidum altius,
quod non imber edax, non Aquilo inpotens
possit diruere aut innumerabilis
annorum series et fuga temporum.*

5

*Non omnis moriar multaue pars mei
uitabit Libitinam; usque ego postera
crescam laude recens, dum Capitolium
scandet cum tacita uirgine pontifex.
Dicar, qua uiolens obstrepit Aufidus
et qua pauper aquae Daunus agrestium
regnauit populorum, ex humili potens
princeps Aeolium carmen ad Italos
deduxisse modos. Sume superbiam
quaesitam meritis et mihi Delphica
lauro cinge uolens, Melpomene, comam.*

10

15

Trad. Haroldo de Campos

Mais perene que o bronze um monumento ergui, mais alto e régio que as pirâmides, nem o roer da chuva nem a fúria de Áquilo o tocarão, tampouco o tempo ou a série dos anos. Imortal em grande parte, a morte só de um pouco de mim se apossará. Que eu sempre renovo, acrescido em louvor, hei de crescer enquanto ao Capitólio suba o Sumo Sacerdote e a calada vestal. Aonde violento o Áufido espadana, aonde depauperado de água o Dauno agrestes povos regeu, de humilde a poderoso dirão que passei: príncipe, o primeiro em dar o eólio canto ao modo itálico. Assume os altos méritos, Melpómene: cinge-me a frente do laurel de Apolo.

Trad. Bento Prado de Almeida Ferraz

Erigi monumento mais perene do que o bronze e mais alto do que a real construção das pirâmides, que nem as chuvas erosivas, nem o forte Aquilão, nem a série inumerável dos anos, nem a dos tempos corrida poderão, algum dia, derruir. Não morrerei, de todo; parte minha à própria morte não será sujeita: eu, sempre jovem, crescerei, enquanto, com virgem silenciosa, o Capitólio suba o pontífice. Dir-se-á que, grande de origem humilde, a fiz, primeiro, a voz latina ao metro grego, onde ressoa o Áufido impetuoso e onde o Dáunio agreste, de poucas águas, reinou sobre povos rústicos. Enche-te do orgulho, pois, que requerem meus méritos, Melpómene, e, se o quiseres, cinge-me a cabeça com a de louro délfica coroa!

Tomás Antônio Gonzaga (*Marília de Dirceu*, I.26)

(...)
Tu não habitarás palácios grandes,
nem andarás nos coches voadores;
porém terás um vate que te preze,
que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura
e da pálida morte a mão tirana
arrasa os edifícios dos Augustos,
e arrasa a vil choupana.

Que belezas, Marília, floresceram,
de quem nem sequer temos a memória!

Só podem conservar um nome eterno
os versos ou a história.

Se não houvesse Tasso nem Petrarca,
por mais que qualquer delas fosse linda,
já não sabia o mundo se existiram
nem Laura, nem Clorinda.

É melhor, minha bela, ser lembrada
por quantos hão de vir sábios humanos,
que ter urcos, ter coches e tesouros,
que morrem com os anos.

Tomás Antônio Gonzaga (*Marília de Dirceu*, I, 31)

Minha Marília,
se tens beleza,
da Natureza
é um favor;
mas se aos vindouros
teu nome passa,
é só por graça
do deus de Amor,
que terno inflama
a mente, o peito
do teu pastor.

-
Em vão se viram
per'las mimosas,
jasmims e rosas
no rosto teu.

Em vão terias
essas estrelas
e as tranças belas,
que o céu te deu,
se em doce verso
não as cantasse
o bom Dirceu.

-
O voraz tempo
ligeiro corre;
com ele morre
a perfeição. (...)

-
Ah! vem, ó bela,
e o tempo querido,
ao deus Cupido

louvores dar!
Pois faz que todos
com igual sorte
do tempo e morte
possam zombar:
tu por formosa
e ele, Marília,
por te cantar. (...)

-
Os versos beija,
gentil pastora,
a pena adora,
respeita a mão,
a mão discreta
que te segura
a duração.

Ovídio, *Metamorfoses*, XV.871-879 (Trad. Robson T. Cesila)

Agora **terminei minha obra**, que nem a ira de Jove, nem o fogo,
nem o ferro e nem o voraz tempo poderão destruir.

Quando assim desejar, que aquele dia que é o único possuidor deste meu corpo
ponha um fim na duração de minha incerta existência;

**imortal, porém, na melhor parte de mim, acima dos altos astros
serei elevado, e o meu nome será indestrutível.**

875

Por onde quer que o poderio romano se estender em terras subjugadas,
**serei lido pela boca das gentes, e, graças à fama, por todos os séculos,
se as predições dos poetas têm algo de verdade, eu viverei.**

*Iamque opus exegi quod nec Iovis ira nec ignis
Nec poterit ferrum nec edax abolere uetustas.
Cum uolet, illa dies, quae nil nisi corporis huius
Ius habet, incerti spatium mihi finiat aevi;*

*Parte tamen meliore mei super alta perennis
Astra ferar, nomenque erit indelebile nostrum.
Quaeque patet domitis Romana potentia terris,
Ore legar populi, perque omnia saecula fama,
Siquid habent ueri uatum praesagia, uiuam.*

875

Odes, II.10 (Trad. Bento Prado de Almeida Ferraz)

Muito melhor, Licínio, viverás,
não buscando o mar alto, sempre afoito,
nem te ficando, cauto, junto à praia,
rábido o mar.

*Rectius uiues, Licini, neque altum
semper urgendo neque, dum procellas
cautus horrescis, nimium premendo
litus iniquom.*

À áurea mediocridade, se alguém a ama,
da velha casa o desasseio evita;
mas, também, sóbrio, foge aos ricos tectos,
causa de inveja.

5

*Auream quisquis mediocritatem
diliget, tutus caret obsoleti
sordibus tecti, caret inuidenda
sobrius aula.*

O vento agita sempre altos pinheiros,
fragorosas, desabam altas torres
e o raio fulminante o pico fere
de altas montanhas.

10

*Saepius uentis agitur ingens
pinus et celsae grauiore casu
decidunt turres feriuntque summos
fulgura montis.*

No dia aziago, espera; no bom, teme,
preparado o teu peito à sorte adversa.
Se Jove hoje nos dá duros invernos
leva-os logo depois.

15

*Sperat infestis, metuit secundis
alteram sortem bene praeparatum
pectus. Informis hiemes reducit
Iuppiter, idem*

Se vais, agora, mal, nem sempre o irás.
Desperta Apolo, em sua lira, às vezes,
a silenciosa musa, pois nem sempre
o arco distende.

20

*summouet. Non, si male nunc, et olim
sic erit: quondam cithara tacentem
suscitat Musam neque semper arcum
tendit Apollo.*

Sê animoso, sê forte, na desgraça:
sábio, saibas, porém, quando te é muito
próspero o vento, contrair a tua
túrgida vela.

*Rebus angustis animosus atque
fortis appare; sapienter idem
contrahes uento nimium secundo
turgida uela.*

Odes, I.6 (Trad. Bento Prado de Almeida Ferraz)

Dos inimigos vencedor valente,
serás cantado pelo ilustre Vário,
águia chamado do meônio canto,
pelos feitos de intrépidos soldados,
terrestres e marítimas façanhas,
vitórias ganhas sob o teu comando.
Fracos que somos para os grandes feitos,
não tentamos, Agripa, celebrar
essas tuas vitórias excelentes,
nem a incessante cólera de Aquiles,
nem de Ulisses astuto as peripécias,
peregrinando pelo mar em fora,
nem de Pelops, tão pouco, a seva casa,
pois a usa da nossa lira imbele
e o pudor que sentimos nos proibem
que, à míngua de talento, enfraqueçamos
as glórias tuas e as do egrégio César.
Quem dignamente pintará a Marte,
da adamantina túnica coberto?
E Meríone negro ao pó de Troia?
E o filho de Tideu, graças a Palas,
aos próprios deuses súperos erguido?
Os banquetes e os prélios, onde as virgens,
unhas cortadas, contra os jovens lutam,
é que, ociosos, cantamos, quando, acaso,
ao coração leviano, como sempre,
algo de fogo as fibras lhes aquece.

*Scriberis Vario fortis et hostium
uictor, Maeonii carminis alite,
quam rem cumque ferox nauibus aut equis
miles te duce gesserit.*

*Nos, Agrippa, neque haec dicere nec
grauem
Pelidae stomachum cedere nescii,
nec cursus duplicis per mare Vlixei
nec saeuam Pelopis domum*

*conamur, tenues grandia, dum pudor
inbellisque lyrae Musa potens uetat
laudes egregii Caesaris et tuas
culpa deterere ingeni.*

*Quis Martem tunica tectum adamantina
digne scripserit aut puluere Troico
nigrum Merionen aut ope Palladis
Tydiden superis parem?*

*Nos conuiuia, nos proelia uirginum
sectis in iuuenes unguibus acrium
cantamus, uacui siue quid urimur
non praeter solitum leues.*

OVÍDIO (43 a.C.-17 d.C.)

Amores, I.1 (Trad. Lucy Ana de Bem)

Armas e violentas guerras em ritmo grave eu me preparava
Para cantar, com uma matéria adequada ao metro.
Semelhante era o verso inferior, Cupido riu,
Dizem, e surrupiou um pé.
“Cruel menino, quem te deu este direito em poesia? 5
Vate das Piérides, não da tua turma, somos.
E se Vênus roubasse as armas da loura Minerva,
E a loura Minerva avivasse inflamadas tochas?
Quem aprovaria Ceres a reinar por selvas montanhosas
E campos cultivados pela lei da virgem sagitária? 10
Quem proveria Febo, insigne pelos cabelos, com aguda lança
Enquanto Marte toca a aônia lira?
Grandiosos e por demais poderosos são os teus reinos, menino;
Por que buscas, ambicioso, uma tarefa nova?
Ou mesmo tudo, por toda parte, é teu? Teus são os vales helicônios? 15
Mesmo Febo mal consegue manter segura a sua lira?
Quando se ergue numa nova página um primeiro verso,
O seguinte a este atenua meu vigor;
Não me há matéria apta a ritmos mais leves,
Um menino ou menina penteada, de longas madeixas.” 20
Disso me queixava, quando ao longe ele, abrindo a aljava
Escolheu flechas destinadas a minha perdição.
E com vigor, curvou o sinuoso arco ao joelho
E disse: “isso, vate, recebe como matéria para cantares!”
Pobre de mim! aquele menino tinha flechas certeiras! 25
Agora queimo, e no peito vazio reina o Amor.
Que minha obra se erga com seis pés e repouse no quinto!
Adeus guerras cruéis com vossos metros!
Coroa-te as louras têmeoras com litorânea murta,
Ó Musa, que debes ser modulada com onze pés! 30

*Arma graui numero uiolentaque bella parabam
Edere, materia conueniente modis.
Par erat inferior uersus; risisse Cupido
Dicitur atque unum surripuisse pedem.
“Quis tibi, saeue puer, dedit hoc in carmina iuris? 5
Pieridum uates, non tua turba sumus.
Quid, si praeripiat flauae Venus arma Mineruae,
Ventilet accensas flaua Minerua faces?
Quis probet in siluis Cererem regnare iugosis,
Lege pharetratae uirginis arua coli? 10
Crinibus insignem quis acuta cuspide Phoebum
Instruat, Aoniam Marte mouente lyram?
Sunt tibi magna, puer, nimiumque potentia regna;
Cur opus adfectas, ambitiose, nouum?
An, quod ubique, tuum est? tua sunt Heliconia tempe? 15
Vix etiam Phoebus iam lyra tuta sua est?
Cum bene surrexit uersu noua pagina primo,
Attenuat neruos proximus ille meos;
Nec mihi materia est numeris leuioribus apta,
Aut puer aut longas compta puella comas.” 20
Questus eram, pharetra cum protinus ille soluta
Legit in exitium spicula facta meum
Lunauitque genu sinuosum fortiter arcum
“Quod” que “canas, uates, accipe” dixit “opus!”
Me miserum! certas habuit puer ille sagittas! 25
Vror, et in uacuo pectore regnat Amor.
Sex mihi surgat opus numeris, in quinque residat!
Ferrea cum uestris bella ualete modis!
Cingere litorea flauentia tempora myrto,
Musa, per undenos emodulanda pedes! 30*

Amores, II.1 (Trad. Lucy Ana de Bem)

Também este livro compus eu, Nasão, o poeta
de minhas malícias, nascido nos úmidos Pelignos;⁶²⁸
também este livro ordenou o Amor; afastai-vos, moralistas:
não sois uma platéia adequada a metros leves.
Leia-me a virgem não insensível à face do noivo
e o menino inexperiente, tocado por um amor desconhecido.
E alguém dentre os jovens, ferido pelo mesmo arco,
reconheça os sinais reveladores de suas chamas
e, há muito admirado, diga “de qual indício este poeta tomou
conhecimento para escrever sobre meu caso?”
Lembro-me que ousei cantar sobre guerras celestiais
e Giges de cem mãos⁶²⁹ (pois possuía eloquência suficiente);
quando a Terra foi mal vingada e, sobreposto ao Olimpo,
o montanhoso Ossa Pélion íngreme sustentava,
em minhas mãos detinha nimbos, e Júpiter, o raio
que ele bem havia enviado em defesa de seu céu.
A amiga cerrou suas portas: abandonei Júpiter e o raio;
o próprio Júpiter desprendeu-se de meu engenho.
Júpiter, perdoa: as tuas armas em nada me ajudavam;
a porta fechada é mais fulminante que tu.
Retomei as blandícias e os ternos elegíacos, minhas armas:
as palavras leves abrandaram as duras portas.
Os versos podem conduzir os cornos da lua sangrenta
e revocar os cândidos cavalos do sol poente;
com um verso, desbaratam-se serpentes de fauces rotas
e a água vertida retorna para as fontes;
com versos, abriram-se as portas e, encravado no umbral,
embora fosse de carvalho, o ferrolho foi vencido pelo verso.
De que me valeria o veloz Aquiles cantado?
O que farão por mim um e outro Atrida,⁶³⁰
e aquele que perdeu tantos anos em errâncias quanto em guerras,
e o aflitivo Heitor, arrastado por corcéis hemônios?⁶³²
Mas, pela beleza da doce menina muitas vezes louvada,
ela mesma se entrega ao vate como prêmio por seus versos.
Grande é a recompensa dada: ide, famosos nomes
de heróis: a vossa graça não cabe a mim;
apresentai, meninas, o vosso formoso semblante
aos meus versos, os quais o purpúreo Amor a mim dita.

Hoc quoque composui Paelignis natus aquosis, ille ego nequitiae Naso poeta meae. hoc quoque iussit Amor – procul hinc, procul este, seueri! non estis teneris apta theatra modis. me legat in sponsi facie non frigida uirgo, et rudis ignoto tactus amore puer;	5
atque aliquis iuuenum quo nunc ego saucius arcu agnoscat flammae conscia signa suae, miratusque diu 'quo' dicat 'ab indice doctus composuit casus iste poeta meos?'	10
Ausus eram, memini, caelestia dicere bella centimanumque Gygen (et satis oris erat), cum male se Tellus ulta est, ingestaque Olympo ardua deuexum Pelion Ossa tulit. in manibus nimbos et cum Ioue fulmen habebam, quod bene pro caelo mitteret ille suo. Clausit amica fores: ego cum Ioue fulmen omisi; excidit ingenio Iuppiter ipse meo.	15
Iuppiter, ignoscas: nil me tua tela iuuabant; clausa tuo maius ianua fulmen habet.	20
blanditias elegosque leues, mea tela, resumpsi: mollierunt duras lenia uerba fores. carmina sanguineae deducunt cornua lunae et reuocant niueos solis euntis equos;	25
carmine dissiliunt abruptis faucibus angues inque suos fontes uersa recurrit aqua; carminibus cessere fores, insertaque posti, quamuis robur erat, carmine uicta sera est. Quid mihi profuerit uelox cantatus Achilles? quid pro me Atrides alter et alter agent,	30
quique tot errando, quot bello, perdidit annos, raptus et Haemoniis flebilis Hector equis? at facie tenerae laudata saepe puellae ad uatem, pretium carminis, ipsa uenit. magna datur mercês: heroum clara ualete nomina: non apta est gratia uestra mihi;	35
ad mea formosos uultus adhibete puellae carmina, purpureus quae mihi dictat Amor.	

Amores, I.5 (Trad. Lucy Ana de Bem)

Fazia calor e o dia tinha cumprido a metade de suas horas;
Os membros a descansar no meio do leito repousei.
Parte da janela estava aberta, parte fechada,
Tais lumes costumam ter as selvas,
Tais os crepúsculos que pouco alumiam quando Febo foge, 5
Ou quando a noite parte sem, contudo, ter nascido o dia;
É a essa luz que a menina casta deve expor-se,
Onde o tímido pudor anseie encontrar abrigo.
Eis, Corina chega, coberta por uma túnica lassa, 10
Com os cabelos repartidos cobrindo o cândido colo;
Da forma como, dizem, a formosa Semíramis adentrou a alcova
E Laís, amada por muitos homens.
Arranquei-lhe a túnica; transparente, não estorvava tanto,
Entretanto, ela lutava para cobrir-se;
Ela, que lutava como se não quisesse vencer, 15
Sem dificuldade foi vencida por sua própria cumplicidade.
Quando se pôs de pé, deposta a veste, ante os nossos olhos,
Por todo o corpo, em toda parte, defeito algum havia.
Que ombros, que braços vi e toquei!
A forma dos mamilos quão apta era ao toque! 20
Que ventre perfeito sob o rijo peito!
Que ancas fartas! Que coxa juvenil!
Para que entrar em detalhes? Nada vi não digno de elogio,
E, nua, abracei-a junto ao meu corpo.
Quem desconhece o restante? Rendidos, ambos repousamos. 25
Que me ocorram muitos meios-dias como esse!

*Aestus erat, mediamque dies exegerat horam;
Adposui medio membra leuanda toro.
Pars ad aperta fuit, pars altera clausa fenestrae,
Quale fere siluae lumen habere solent,
Qualia sublucent fugiente crepuscula Phoebos, 5
Aut ubi nox abiit nec tamen orta dies;
Illa uerecundis lux est praebenda puellis,
Qua timidus latebras speret habere pudor.
Ecce, Corinna uenit, tunica uelata recincta,
Candida diuidua colla tegente coma; 10
Qualiter in thalamos formosa Semiramis isse
Dicitur, et multis Laïs amata uiris.
Deripui tunicam; nec multum rara nocebat,
Pugnabat tunica sed tamen illa tegi;
Cumque ita pugnaret tamquam quae uincere nollet, 15
Victa est non aegre prodicione sua.
Vt stetit ante oculos posito uelamine nostros,
In toto nusquam corpore menda fuit.
Quos umeros, quales uidi tetigique lacertos!
Forma papillarum quam fuit apta premi! 20
Quam castigato planus sub pectore uenter!
Quantum et quale latus! quam iuuenale femur!
Singula quid referam? nil non laudabile uidi
Et nudam pressi corpus ad usque meum.
Cetera quis nescit? lassi requieuimus ambo. 25
Proueniant medii sic mihi saepe dies!*

Amores, I.9 (Trad. Lucy Ana de Bem)

Todo amante milita e Cupido tem sua própria caserna; Ático, crê em mim, todo amante milita.		<i>Militat omnis amans et habet sua castra Cupido; Attice, crede mihi, militat omnis amans.</i>	
O tempo que convém à guerra também convém a Vênus. É indecoroso um velho soldado, é indecoroso o amor num velho.		<i>Quae bello est habilis, ueneri quoque conuenit aetas. Turpe senex miles, turpe senilis amor.</i>	
O fôlego que um comandante requer de um bravo soldado, Uma bela menina requer de um companheiro.	5	<i>Quos petiere duces animos in milite forti, Hos petit in socio bella puella uiro:</i>	5
Ambos velam por toda a noite; um e outro repousam no chão: Um guarda as portas de sua senhora; o outro, as de seu comandante;		<i>Peruigilant ambo; terra requiescit uterque; Ille fores dominae seruat, at ille ducis;</i>	
Longa marcha é o dever do soldado: despacha a menina E o amante diligente a seguirá sem fronteiras;	10	<i>Militis officium longa est uia: mitte puellam, Strenuus exempto fine sequetur amans;</i>	10
Ele afrontará as montanhas à sua frente e rios transbordantes Pela tempestade; ele marchará sobre neves acumuladas, E prestes a singrar o pélagos, o tímido Euro não pretextará, Nem astros oportunos para resvalar as águas escrutará.		<i>Ibit in aduersos montes duplicataque nimbo Flumina, congestas exeret ille niues, Nec freta pressurus tumidos causabitur Euros Aptae uerrendis sidera quaeret aquis.</i>	
Quem, além do soldado e do amante, o frio da noite E a neve, unida à densa chuva, suportará?	15	<i>Quis nisi uel miles uel amans et frigora noctis Et denso mixtas perferet imbre niues?</i>	15
Um, como espião, é mandado contra hostes inimigas; O outro mantém os olhos no rival, como seu inimigo.		<i>Mittitur infestus alter speculator in hostes; In riuale oculos alter, ut hoste, tenet.</i>	
Aquele uma importante cidade, este a porta da insensível amante Sitiará; este portas arromba, mas aquele, portões.	20	<i>Ille graues urbes, hic durae limen amicae Obsidet; hic portas frangit, at ille fores.</i>	20
Muitas vezes foi vantajoso invadir as hostes adormecidas E abater o inerme vulgo à mão armada;		<i>Saepe soporatos inuadere profuit hostes Caedere et armata uulgus inerme manu;</i>	
Assim, as ferozes tropas do trácio Reso tombaram E vós, capturados cavalos, desertastes vosso senhor.		<i>Sic fera Threicii ceciderunt agmina Rhesi Et dominum capti deseruistis equi.</i>	
Certamente os amantes se utilizam do sono dos maridos E, adormecidos os inimigos, levantam as próprias armas.	25	<i>Nempe maritorum somnis utuntur amantes Et sua sopitis hostibus arma mouent.</i>	25
Transpor a caterva de guardas e a tropa de vigilantes Sempre é empresa do soldado e do infeliz amante.		<i>Custodum transire manus uigilumque cateruas Militis et miseri semper amantis opus.</i>	
Marte é dúbio e Vênus, incerta; os vencidos se reerguem, E os que negarias que pudessem um dia estar por terra, caem.	30	<i>Mars dubius nec certa Venus; uictique resurgunt, Quosque neges umquam posse iacere, cadunt.</i>	30
Por isso, aquele que chamava o amor de indolência Se cale; o amor é próprio de um engenho empreendedor.		<i>Ergo desidiam quicumque uocabat amorem, Desinat; ingenii est experientis Amor.</i>	
O aflito Aquiles pela raptada Briseida arde; (Enquanto for possível, troianos, desbaratem as argivas forças);		<i>Ardet in abducta Briseide magnus Achilles; (Dum licet, Argiuas frangite, Troes, opes);</i>	
Heitor ia dos abraços de Andrômaca às armas, Aquele que oferecera um elmo a sua cabeça era a sua esposa.	35	<i>Hector ab Andromaches complexibus ibat ad arma, Et, galeam capiti quae daret, uxor erat.</i>	35
O maior dos comandantes, o Atrida, ao ver a Priameide, Dizem que pelas efusas madeixas de Mênade foi tocado.		<i>Summa ducum, Atrides, uisa Priameide fertur Maenadis effusis obstipuisse comis.</i>	
Marte também foi surpeendido e sentiu os grillhões do ferro forjado; Nenhuma história foi mais conhecida por todo o céu.	40	<i>Mars quoque deprensus fabrilis uincula sensit; Notior in caelo fabula nulla fuit.</i>	40
Eu mesmo era preguiçoso, nascido para negligentes ócios; A sombra e o leito abrandaram meus ânimos.		<i>Iipse ego segnus eram discinctaque in otia natus; Molliant animos lectus et umbra meos;</i>	
O desvelo imposto por uma formosa menina a mim, ocioso, Ordenou-me que se alistasse em sua milícia.		<i>Inpulsit ignauum formosae cura puellae Iussit et in castris aera merere suis.</i>	
Por isso me vês ágil e combatente numa guerra noturna. Quem não quiser tornar-se desidioso, ame!	45	<i>Inde uides agilem nocturnaue bella gerentem. Qui nolet fieri desidiosus, amet!</i>	45

Amores, II.4 (Trad. Lucy Ana de Bem)

Eu não ousaria defender costumes indignos
e empunhar falsas armas em defesa de meus vícios.
Confesso, se há algum proveito em declarar delitos;
agora, insurjo-me contra meus crimes, louco delator.
Odeio, mas não consigo deixar de desejar o que odeio. 5
Oh, é pesado levar o que desejas depor!
Pois faltam vigor e rigor para me regerem;
sou impellido, como nau incitada por água veloz.
Não há uma beleza única que suscita meus amores:
cem motivos há para que eu sempre ame. 10
Se há uma que declina ao solo seus olhos modestos,
inflamo-me e pudor tal se torna emboscada;
ou, se há uma provocante, torno-me presa, pois não é ingénua
e me dá esperanças de que saiba se movimentar no temo leito;
se possui um duro semblante e quer imitar as severas 15
Sabinas, penso que desja, mas, no fundo, dissimula.
Se és douda, agradas-me porque possuis dotes exímios;
ou, se és rude, és agradável em tua simplicidade.
Há a que diz que, diante dos meus, os versos de Calímaco
são rústicos: aquela a quem agrado, agrada-me imediatamente; 20
há também a que critica meus versos e a mim, como vate:
desejaria sentir (sobre mim) o peso da coxa desse crítico.
Caminha suavemente; seu movimento me conquista; a outra é dura:
mas poderia tornar-se mais suave em contato com um homem.

Non ego mendosos ausim defendere mores
falsaque pro uitiiis arma mouere meis.
confiteor – siquid prodest delicta fateri;
in mea nunc demens crimina fassus eo.
odi, nec possum, cupiens, non esse quod odi; 5
heu, quam quae studeas ponere ferre graue est!
Nam desunt uires ad me mihi iusque regendum;
auferor ut rapida concita puppis aqua.
non est certa meos quae forma inuitet amores –
centum sunt causae, cur ego semper amem. 10
siue aliqua est oculos in humum deiecta modestos,
uror, et insidiae sunt pudor ille meae;
siue procax aliqua est, capior, quia rustica non est,
spemque dat in molli mobilis esse toro.
aspera si uisa est rigidasque imitata Sabinas, 15
uelle, sed ex alto dissimulare puto.
siue es docta, places raras dotata per artes;
siue rudis, placita es simplicitate tua.
est, quae Callimachi prae nostris rustica dicat
carmina – cui placeo, protinus ipsa placet. 20
est etiam, quae me uatem et mea carmina culpet –
culpantis cupiam sustinuisse femur.
molliter incedit – motu capit; altera dura est –

Nesta, porque canta docemente e modula a voz com facilidade, 25
gostaria de ter dado furtivos beijos enquanto cantava;
esta, com hábil polegar, percute cordas lastimosas:
quem não é capaz de amar mãos tão doutas?
Aquela agrada pelos gestos e por mover braços em harmonia
e, com sutil destreza, revolve seu delicado quadril: 30
para que me cale sobre mim mesmo, pois me excito com todas,
coloca Hipólito ali e um Priapo terá.
Tu, por seres tão alta, igualas-te às priscas heroínas
e podes, por ser grande, ocupar todo o leito;
esta, por ser pequena, é hábil: sou seduzido por ambas; 35
a grande e a pequena convêm ao meu desejo.
Não é elegante: penso como poderia ser se elegante fosse;
é requintada: ela mesma sabe exibir seus dotes.
A de pele alva me conquistará, conquistar-me-á a de pele dourada;
Vênus também é gratificante na cor escura. 40
se pendem, de uma frente branca como a neve, cabelos negros,
Leda foi admirada por suas negras melenas;
se são dourados, a Aurora agradava com seus cabelos cróceos:
meu amor se adapta a todos os mitos.
A juventude me excita, a idade mais madura me afeta: 45
esta me agrada pela beleza, aquela pela experiência.
Em suma, meu ambicioso amor experimenta, por toda
Roma, alguma de todas essas mulheres.

at poterit tacto mollior esse uiro.
haec quia dulce canit flectitque facillima uocem, 25
oscula cantanti rapta dedisse uelim;
haec querulas habili percurrit pollice chordas –
tam doctas quis non possit amare manus?
illa placet gestu numerosaque brachia ducit
et tenerum molli torquet ab arte latus – 30
ut taceam de me, qui causa tangor ab omni,
illic Hippolytum pone, Priapus erit!
tu, quia tam longa es, ueteres heroidas aequas
et potes in toto multa iacere toro.
haec habilis breuitate sua est. corrumpor utraque; 35
conueniunt uoto longa breuisque meo.
non est culta – subit, quid cultae accedere possit;
ornata est—dotes exhibet ipsa suas.
candida me capiet, capiet me flaua puella,
est etiam in fusco grata colore Venus. 40
seu pendent niuea pulli ceruice capilli,
Leda fuit nigra conspicienda coma;
seu flauent, placuit croceis Aurora capillis.
omnibus historiis se meus aptat amor.
me noua sollicitat, me tangit senior aetas; 45
haec melior, specie corporis illa placet.
Denique quas tota quisquam probet urbe puellas,
noster in has omnis ambitiosus amor.

Amores, II.14 (Trad. Lucy Ana de Bem)

De que vale ter cedido às jovens a desobrigação da guerra
e não querer que, munidas de escudo, sigam ferozes batalhões
se, sem Marte, sofrem chagas causadas por seus próprios dardos
e armam suas mãos cegas contra seu próprio destino?
A primeira que deu início à extração de pequenos fetos 5
fora digna de perecer em sua própria milícia.⁷⁰¹
Pois, para que o ventre se prive da acusação das estrias,
espalharás funesta areia em favor de tuas lutas?⁷⁰²
Se costume semelhante tivesse agradado às mães antigas,
a raça humana teria sido exterminada por tal vício 10
e deveria ser preparado aquele que, de novo, lançaria
pelo orbe vazio as pedras primordiais de nossa gente.⁷⁰³
Quem teria destruído a potência de Príamo se Tétis,
deusa das águas, tivesse se recusado a carregar o merecido peso?⁷⁰⁴
Se Ília tivesse dado seus gêmeos à morte no tímido ventre, 15
o fundador da Urbe soberana teria sido sacrificado;⁷⁰⁵
se Vênus, grávida, tivesse profanado Enéias
em seu útero, a terra seria órfã de Césares.⁷⁰⁶
Tu também, podendo nascer formosa, terias perecido,
se tua façanha tivesse sido intentada por tua mãe. 20
Eu mesmo, embora esteja destinado a morrer amando,
não teria visto dia algum por causa de uma mãe recusante.
Por que espolias vides carregadas de uvas em formação
e arrancas frutos verdes com mão cruel?
Deixa que livres abundem os maduros e os nascidos cresçam: 25
a vida não é de pouca monta para uma pequena existência.
Por que extraís vossas vísceras, submetendo-vos a armas
e ministras horríveis venenos ao que ainda não nasceu?
Acusam a da Cólquida de espargir-se com sangue dos filhos
e lamentam que Ítis tenha sido morto pela mãe: 30
ambas forma genitoras cruéis e ambas, por tristes motivos,
vingaram-se dos maridos, por meio do sangue comum.⁷⁰⁷
Dizei, que Tereu, que Jasão vos importuna
para que firaís vosso corpo com mão solícita?
Nem os tigres nos covis armênios agem assim 35
nem leas ousam pôr seus fetos a perder.
Contudo, fazem-no meigas meninas, mas não impunemente:
muitas vezes, a que mata os seus no útero perece;
ela própria perece e é levada à pira com cabelos desalinhados⁷⁰⁸
e clamam “merecido” todos aqueles que assim a vêem. 40
Mas que essas palavras agourentas se percam pelos ares etéreos
e que todas elas não tenham valor algum.
Deuses piedosos, permiti-lhe este único pecado sem punição
e já basta: uma segunda culpa lhe impute uma pena.

Amores, II.16 (Trad. Lucy Ana de Bem)

Anel, que cingirás da formosa menina o dedo,
no qual debes arrolar apenas o amor de teu doador
parte, grato presente: ao receber-te, com ânimo feliz,
que ela logo te coloque em seus dedinhos.
Junta-te a ela tão bem quanto ela se juntou a mim, 5
e, com teu círculo justo, roces seu dedo com perfeição.
Feliz de ti, anel, serás tocado pela minha senhora:
eu mesmo, infeliz, já invejo o meu presente.
Oxalá eu pudesse me transformar subitamente em meu presente
através das artes de Ea e do velho de Cárpatos!⁷⁰⁹ 10
Então eu, desejando tocar os mamilos de minha senhora
e inserir minha mão esquerda sob sua túnica,⁷¹⁰
ainda que estreito e aderente, escorregaria de seu dedo como que
afrouxado por arte extraordinária, e cairia em seu seio.
Também eu, para poder selar tabuinhas secretas 15
e para evitar que a cera grude tenazmente na gema seca,
tocarei, antes, a úmida boca de minha menina;
contudo, que eu não sele escritos que possam ferir-me.
Se for um regalo para ficar guardado, negar-me-ei a sair
de teus dedos, apertando-os em círculo mais estreito. 20
Não serei vergonha para ti, minha vida,
nem enfado que o delicado dedo recuse suportar.
Usa-me, quando banhares teus membros em linfa cálida
e suporta os danos da água que escorre sob a gema.⁷¹¹
Mas acredito que, ao vê-la nua, meus membros se erguerão 25
com desejo e, embora seja o anel, cumprirei meu papel de homem.
Por que revolvo ilusões? Parte, modesto presente:
que ela perceba a lealdade que é confiada junto contigo.

Anule, formosae digitum uincture puellae, in quo censendum nil nisi dantis amor, munus eas gratum! te laeta mente receptum protinus articulis induat illa suis; tam bene conuenias, quam mecum conuenit illi, 5 et digitum iusto commodus orbe teras! Felix, a domina tractaberis, anule, nostra; inuideo donis iam miser ipse meis. o utinam fieri subito mea munera possem artibus Aeaeae Carpathiue senis! 10 tunc ego, cum cupiam dominae tetigisse papillas et laeuam tunicis inseruisse manum, elabar digito quamuis angustus et haerens, inque sinum mira laxus ab arte cadam.	idem ego, ut arcanas possim signare tabellas, neue tenax ceram siccaque gemma trahat, umida formosae tangam prius ora puellae – tantum ne signem scripta dolenda mihi. si dabor ut condar loculis, exire negabo, adstringens digitos orbe minore tuos. 20 non ego dedecori tibi sum, mea uita, futurus, quodue tener digitus ferre recuset, onus. me gere, cum calidis perfundes imbribus artus, damnaque sub gemmam fer pereuntis aquae – sed, puto, te nuda mea membra libidine surgent, 25 et peragam partes anulus ille uiri. Inrita quid uoueo? paruam proficiscere munus; illa datam tecum sentiat esse fidem!
--	---

MARCIAL (38-41 d.C. – 101-104 d.C.)

I.35 (Traduções: Robson T. Cesila)

De que eu escrevo versos pouco sérios,
que na escola ensinar não pode o mestre,
tu te queixas, Cornélio; meus livrinhos,
porém, como os maridos às esposas,
não podem agradar sem um caralho. 5
Por que, se tu me impões epitalâmios,
não devo usar vocábulos do tálamo?
Quem é que põe as vestes dos Florais
e permite o pudor da estola em putas?
Dos poemas jocosos esta é a lei: 10
não podem agradar se não excitam.
Peço, pois: deixa a tua severidade,
perdoa meus gracejos e gracinhas
e não queiras castrar os meus livrinhos:
nada será mais vil que um Priapo eunuco. 15

Versus scribere me parum seueros
nec quos praelegat in schola magister,
Corneli, quereris: sed hi libelli,
tamquam coniugibus suis mariti,
non possunt sine mentula placere. 5
Quid si me iubeas thalassionem
uerbis dicere non thalassionis?
Quis Floralia uestit et stolatum
permittit meretricibus pudorem?
Lex haec carminibus data est iocosis, 10
ne possint, nisi pruriant, iuuare.
Quare deposita seueritate
parcas lusibus et iocis rogamus,
nec castrare uelis meos libellos:
Gallo turpius est nihil Priapo. 15

III.71

Se dói o pau em teu escravo e em ti o cu, Névoló,
sei, sem ser adivinho, o que tu fazes.

Mentula cum doleat puero, tibi, Naeuole, culus,
non sum diuinus, sed scio quid facias.

I.10

Gemelo quer casar com Maronila,
e a quer e insiste e implora e lhe dá mimos.
“É assim tão bela?” “Quê? Nada há mais feio!”
“Que há nela então que atrai e agrada?” “Tosse”.

Petit Gemellus nuptias Maronillae
et cupit et instat et precatur et donat.
Adeone pulchra est? Immo foedius nil est.
Quid ergo in illa petitur et placet? Tussit.



Priapo

Escultura romana
de bronze de 22 cm
de altura.
Séc. I d.C.
Proveniente de
Pompeia.
Museo Nazionale
de Nápoles.
(retirado de OLIVA
NETO, João
Angelo. *Falo no
Jardim. Priapeia
Grega, Priapeia
Latina*. Cotia:
Ateliê Editorial;
Campinas: Editora
da Unicamp, 2006.

I.62

Mais casta que as antigas sabinas, mais séria
 que seu austero cônjuge, a Levina,
 por ficar no Lucrino ou no Averno nadando
 e nas águas de Baías se aquecendo,
 viu-se em fogo e deixou o esposo por um jovem: 5
 Penélope chegou, partiu Helena.

Casta nec antiquis cedens Laeuina Sabinis
 et quamuis tetrico tristior ipsa uiro
 dum modo Lucrino, modo se demittit Auerno,
 et dum Baianis saepe fouetur aquis,
 incidit in flammis: iuuenemque secuta relicto 5
 coniuge Penelope uenit, abit Helene.

III.32

Se eu comia, Matrínia, uma velha? Uma velha
 sim, mas tu não és “velha”, és um cadáver!
 Hécuba e Níobe eu comia, enquanto, claro,
 uma não for cadela, e a outra, pedra.

An possim uetulam quaeris, Matrinia: possum
 et uetulam, sed tu mortua, non uetula es;
 possum Hecubam, possum Niobam, Matrinia, sed si
 nondum erit illa canis, nondum erit illa lapis.

Se eu pegava, Matrínia, uma velha? Uma velha
 sim, mas tu não és “velha”, és um cadáver!
 Hécuba e Níobe eu pegava, enquanto, claro,
 uma não for cadela, e a outra, pedra.

VIII.27

Quem dá presentes, Gauro, a ti que és velho e rico,
 (vê se entendes!) o que te diz é “Morre!”

Munera qui tibi dat locupleti, Gaure, senique,
 si sapias et sentis, hoc tibi ait "Morere."

V.58

Que amanhã viverás me dizes sempre, Póstumo:
 me diz, esse amanhã, quando vem, Póstumo?
 Quão distante é! E onde ele está? Onde buscá-lo?
 Oculta-se entre os partas e os armênios?
 Já é velho esse amanhã, como Nestor e Príamo. 5
 Esse amanhã, me digas, quanto custa?
 Viverás amanhã? Viver hoje já é tarde!
 Sábio, Póstumo, é quem já viveu ontem.

Cras te uicturum, cras dicis, Postume, semper:
 dic mihi, cras istud, Postume, quando uenit?
 Quam longe cras istud! ubi est? aut unde petendum?
 Numquid apud Parthos Armeniosque latet?
 Iam cras istud habet Priami uel Nestoris annos. 5
 Cras istud quanti, dic mihi, possit emi?
 Cras uiues? Hodie iam uiuere, Postume, serum est:
 ille sapit quisquis, Postume, uixit heri.

IV.24

Licóris sepultou, Fabiano, suas amigas
 todas. Da minha esposa fique amiga!

Omnes quas habuit, Fabiane, Lycoris amicas
 extulit: uxori fiat amica meae.

Aqui jaz minha mulher
 que partiu para o Além.
 Agora descansa em paz
 e eu também.

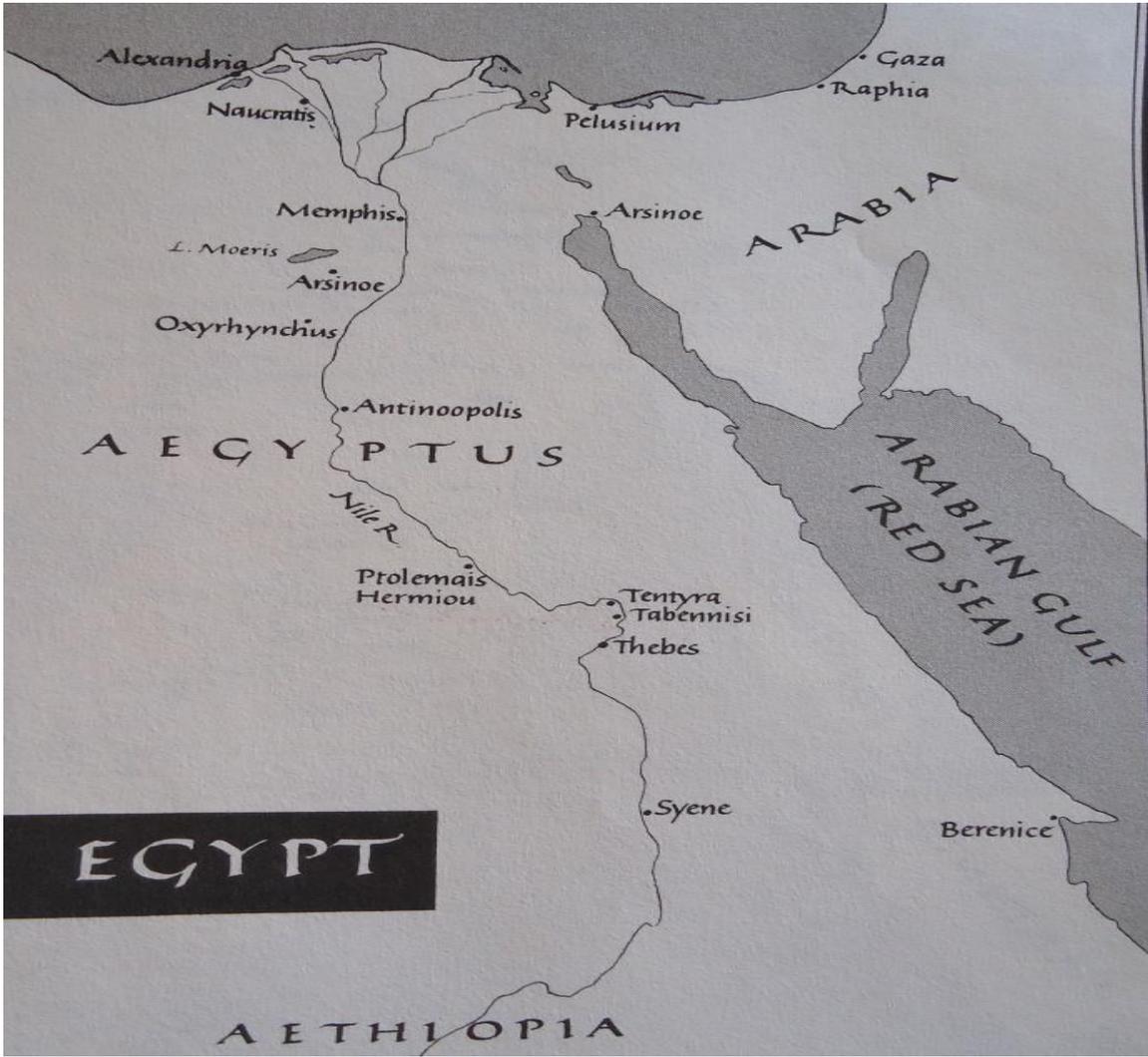
Epitáfio (Millôr Fernandes)

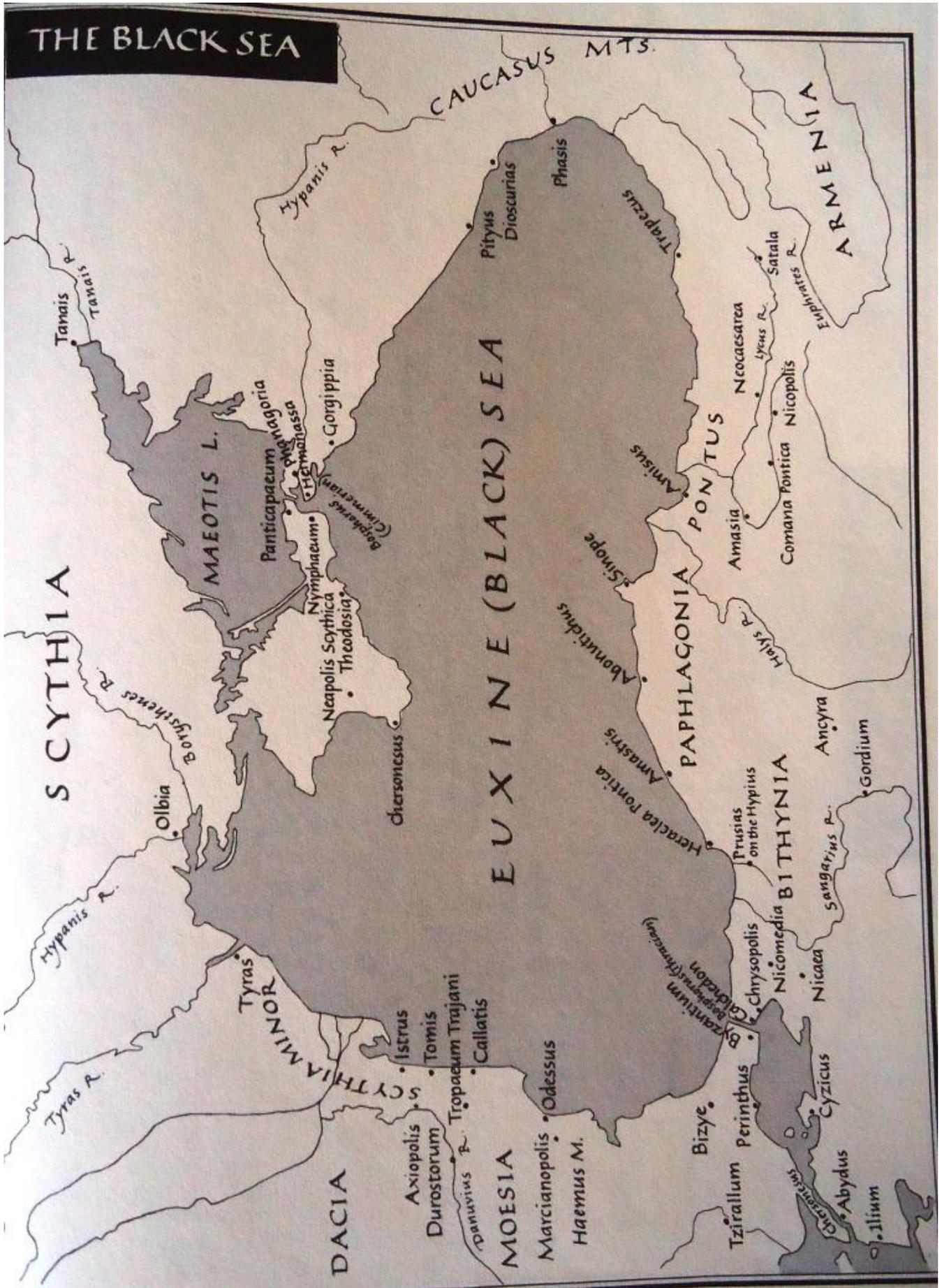
VII.14

Mal infando ocorreu, Aulo, à minha menina:
perdeu seus brinquedos, suas delícias.
Não as que Lésbia, a amada do terno Catulo,
chorou, do pardal, seu mimo, privada,
ou as que Iântis, cantada por meu caro Estela, 5
carpiu, negra pomba a voar nos Elísios.
Minha luz não cativam tais nugas, caprichos,
nem tais danos minha dona comovem:
um escravo de vinte anos ela perdeu,
cujo pau não tinha ainda um pé e meio! 10

Accidit infandum nostrae scelus, Aule, puellae:
amisit lusus deliciasque suas:
non quales teneri ploravit amica Catulli
Lesbia, nequitiis passeris orba sui,
uel Stellae cantata meo quas fleuit Ianthis, 5
cuius in Elysio nigra columba uolat:
lux mea non capitur nugis neque moribus istis
nec dominae pectus talia damna mouent:
bis denos puerum numerantem perdidit annos,
mentula cui nondum sesquipedalis erat. 10

Mapas





LINHA DO TEMPO

(Baseado em CONTE, G. B. *Latin Literature. A History*)

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
VIII a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 776 – primeira Olimpíada (776). - 753 – Data tradicional da fundação de Roma. - Rômulo (até 716) e Numa Pompílio (até 673), reis de Roma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Homero (<i>Ilíada</i> e <i>Odisseia</i>). 	
VIII-VII a.C.		<ul style="list-style-type: none"> - Hesíodo (<i>Teogonia</i> e <i>Os Trabalhos e os Dias</i>). 	
VII a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Tulo Hostílio (até 642), Anco Márcio (até 617), Tarquínio Prisco (até 579), reis de Roma. - Com Tarquínio Prisco, inicia-se certa hegemonia etrusca no poder romano, que vai até o fim da Monarquia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Calino de Éfeso (poeta elegíaco). - Arquíloco de Paros (poeta jâmbico). - Tirteu de Esparta (poeta elegíaco). - Alcman (poeta lírico). - Mimnermo (poeta elegíaco). 	
VII-VI a.C.		<ul style="list-style-type: none"> - Safo de Lesbos (poeta lírica). - Alceu de Mitilene (poeta lírico). - Sólon de Atenas (poeta elegíaco). 	
VI a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - Sêrvio Túlio (até 535), Tarquínio, o Soberbo (até 510), reis de Roma. - 546: os persas de Ciro conquistam a Lídia (Ásia Menor). - 527 – morte de Psístrato, tirano de Atenas. - 509 – Fim da Monarquia e início da República em Roma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tales, Anaximandro e Anaxímenes de Mileto (filósofos). - Teógnis de Megara (poeta elegíaco). - Estesícoro (poeta lírico). - Hipônax (poeta jâmbico). - Íbico (poeta lírico). - Anacreonte (poeta lírico, elegíaco e jâmbico). - Xenófanes de Cólofon (poeta-filósofo). - Esopo (?) (poeta fabulista) 	
VI-V a.C.		<ul style="list-style-type: none"> - Heráclito de Éfeso (filósofo). - Ésquilo (525-456 a.C.) (tragediógrafo). - Píndaro (518-438 a.C.) (poeta lírico). - Frínico (tragediógrafo). 	

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
V a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 494 – Conflitos em Roma entre patrícios e plebeus. - 490 – Os persas, liderados por Dario, invadem a Grécia. Batalha de Maratona, com vitória de Atenas. - 480 – Os persas invadem a Grécia novamente, agora liderados por Xerxes. Batalha de Salamina, com vitória dos gregos, comandados por Temístocles. - 447-438 - Construção do Partenão, em Atenas. - 431-404 - Guerra do Peloponeso, entre Atenas e Esparta. - 430 – Atenas é acometida pela praga. - 429 – morte de Péricles. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sófocles (497-405 a.C.) (tragediógrafo) - Eurípidés (485-406 a.C.) (tragediógrafo). - Heródoto (484-424 a.C.) (historiador). - Parmênides de Eleia (filósofo). - Empédocles de Agrigento (filósofo). - Crátino (comediógrafo). - Fídias (465-425) (escultor) - Policleto (c. 460-410 a.C.) (escultor). - Tucídides (c. 460-403 a.C.) (historiador). (<i>História da Guerra do Peloponeso</i>) 	
V-IV a.C.		<ul style="list-style-type: none"> - Sócrates (470-399 a.C.) (filósofo). - Platão (428-347 a.C.) (filósofo). - Aristófanes de Atenas (445-385 a.C.) (comediógrafo). - Isócrates (436-338 a.C.): orador. - Xenofonte (historiador). 	
IV a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 399 – Execução de Sócrates. - 390 – Gauleses invadem e incendiam Roma. - 371 – Tebas assume a hegemonia entre as cidades-estados gregas, após vencer Esparta na batalha de Leuctra. - 343 – Primeira guerra entre romanos e samnitas. - 338 – Filipe II, rei da Macedônia, domina a Grécia, após vencer a batalha de Queroneia. - 338 – Roma derrota a Liga Latina. - 336 – Com o assassinato de Filipe II, Alexandre, futuro Alexandre, o Grande, se torna rei da Macedônia. - 331 – Alexandre funda a cidade de Alexandria, no Egito. - 327-304 – Segunda guerra entre romanos e samnitas, com vitória destes últimos. - 323 – Morte de Alexandre, o Grande. Um de seus generais, Ptolomeu I Sóter, reina no Egito. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aristóteles (384-322 a.C.) (filósofo). - Demóstenes (384-322 a.C.) (orador). - Praxíteles (escultor). - Aléxis (comediógrafo). 	
IV-III a.C.		<ul style="list-style-type: none"> - Zenão de Cício (335-262 a.C.) (filósofo, fundador do estoicismo). - Menandro (c. 342-c. 290). (comediógrafo). - Epicuro (341-270 a.C.) (filósofo, fundador do epicurismo). 	

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
IV-III a.C.		<ul style="list-style-type: none"> - Calímaco de Cirene (320-240 a.C.) (poeta). - Arato (c. 315-c. 240 a.C.) (poeta). - Teofrasto (c. 372-287 a.C.) (filósofo, sucessor de Aristóteles no Liceu). - Teócrito de Siracusa (poeta bucólico). - Dífilo de Sinope (comediógrafo). 	
III a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 298-290 – Terceira guerra entre romanos e samnitas. - 283 – Com a morte de Ptolomeu I Sóter, sobe ao trono do Egito Ptolomeu II Filadelfo. - 275 – Romanos e cartagineses derrotam Pirro, rei do Epiro, na batalha de Benevento. - 270 – Roma vence Régio, tornando-se senhora de toda a península itálica. - 264-241 – Primeira Guerra Púnica (romanos contra cartagineses). - 247 – Ptolomeu III Evergetes sucede a Ptolomeu II, morto, no trono egípcio. - 241 – Átalo I torna-se rei de Pérgamo, rival de Alexandria no plano econômico e cultural. - 227 – Sicília e Sardenha se tornam províncias romanas. 221 – Ptolomeu Evergetes morre e é sucedido no trono egípcio por Ptolomeu IV Filopátor. - 218-201 – Segunda Guerra Púnica. - 218 – Aníbal atravessa os Alpes para invadir a Itália. - 216 – Derrota dos romanos na batalha de Canas. -207 – Os romanos derrotam os cartagineses na batalha de Metauro, em que morre o general de Cartago, Asdrúbal. 202 – Batalha de Zama, com vitória total de Roma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Hermesíanax (poeta elegíaco) - Apolodoro de Caristo (comediógrafo) - Zenódoto (erudito e diretor da biblioteca de Alexandria). - Apolônio de Rodes (poeta épico e sucessor de Zenódoto na direção da biblioteca de Alexandria) (<i>Argonautica</i>) - Menipo de Gádara (filósofo cínico), - Sótades de Maroneia (poeta licencioso). - Euforião de Cálcis (poeta). 	<ul style="list-style-type: none"> - Lívio Andronico (tragediógrafo e comediógrafo e tradutor da <i>Odisseia</i> de Homero para o latim) (<i>Odusia</i>) - Névio (?-240/201 a.C.) (tragediógrafo, comediógrafo e poeta épico).
III-II a.C.			<ul style="list-style-type: none"> - Plauto (c. 259-184) (comediógrafo). - Cecílio Estácio (230-168 a.C.) (comediógrafo). - Ênio (239-169 a.C.) (comediógrafo, tragediógrafo e poeta épico) (<i>Anais</i>). - Catão, o Censor (ou Catão, o Antigo) (234-149 a.C.) (orador, historiador e tratadista). - Pacúvio (220-130 a.C.): tragediógrafo.

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
II a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 168 – Vitória do general romano Paulo Emílio contra Perseu, rei da Macedônia, na batalha de Pidna. - 149-146 – Terceira Guerra Púnica. Cipião Emiliano arrasa Cartago. - 133 – Assassinato de Tibério Graco, tribuno da plebe. - 121 – Assassinato de Caio Graco, tribuno da plebe. - 111-107 – Guerra contra Jugurta, rei da Numídia. Início do sucesso militar e político de Mário. 	<ul style="list-style-type: none"> - Políbio (c. 200-c. 118) (historiador). 	<ul style="list-style-type: none"> - Terêncio (c. 195-159). (comediógrafo). - Lucílio (c. 180-102) (poeta satírico). - Afrânio (comediógrafo).
II-I a.C.		<ul style="list-style-type: none"> - Posidônio (c. 135-c. 51) (filósofo). 	<ul style="list-style-type: none"> - Ácio (170- c. 90) (tragediógrafo). - Varrão (116-27) (historiador e erudito) (<i>De Re Rustica, De Lingua Latina, etc.</i>). - Cícero (106-43) (orador, filósofo, político) - Valério Edúto, Pórcio Licino, Volcácio Sedgito (<i>poetae novi</i>). - Cornélio Nepos (c. 110-24) (biógrafo). - Lévio (poeta).
I a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 91-87 – Guerra social (Roma contra uma confederação de aliados da Itália). - 88-81 – Diversos conflitos entre os grupos de Sila e de Mário. - 81 – Ditadura de Sila. - 78 – Morte de Sila. - 73-71 – Revolta de Espártaco. - 63-62 – Descoberta e enfrentamento da conspiração de Catilina. - 60 – Primeiro Triunvirato (Pompeu, César e Crasso). - 58-57 - Campanha de César na Gália. - 52 – Bandos rivais de Milão e Clódio se enfrentam nas ruas de Roma. - 55 – Inauguração do primeiro teatro em pedra de Roma, o Teatro de Pompeu. - 49-48 – Guerra civil entre César e Pompeu, decidida com a vitória do primeiro na batalha de Farsália (48). - 46 – Suicídio de Catão de Útica. - 44 – Assassinato de César. 	<ul style="list-style-type: none"> - Partênio de Niceia (poeta e erudito). 	<ul style="list-style-type: none"> - César (100-44) (general, político, historiador) - Lucrécio (c. 98-c. 55) (poeta). - Valério Catão (c. 90-?) (poeta e filólogo). - Pompônio e Nívio (comediógrafos). - Catulo (c. 87-c. 57) (poeta). - Salústio (86-c. 35) (historiador). - Obra <i>Retórica a Herênio</i> (ca. 85). - Varrão Atacino (82-?) (poeta). - Licínio Calvo (82-47) (poeta e orador). - Fúrio Bibáculo (c. 82-?) (poeta). - Vário Rufo (c. 73-?). (poeta). - Válgio Rufo (poeta). - Virgílio (70-19) (poeta).

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
I a.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 43 – Batalha de Mutina: Otávio vence Marco Antônio. Segundo triunvirato: Otávio, Marco Antonio e Lépido. - 42 – Batalha de Filipos (Otávio e Marco Antônio vencem os cesaricidas). - 31 – Batalha de Ácio (Otávio derrota Marco Antônio e Cleópatra, que se suicidam; o Egito se torna província romana). - 27 – Otávio assume o título de Augusto. - 21 – Agripa se casa com Júlia, filha de Augusto. 		<ul style="list-style-type: none"> - Galo (c. 69-26) (poeta elegíaco). - Horácio (65-8) (poeta) - 62 - Discurso <i>Pro Archia</i> (<i>Defesa de Arquias</i>), de Cícero. - Tibulo (c. 55-c. 19) (poeta elegíaco). - Propércio (c. 47-c. 14) (poeta elegíaco).
I a.C.- I d.C.			<ul style="list-style-type: none"> - Ovídio (43 a.C.-17 d.C.) poeta. Vitrúvio (arquiteto e tratadista). - Hígino (erudito). - Sêneca, o Velho (c. 50 a.C.-c. 41 d.C. (retórico e historiador). - Sêneca, o Jovem (c. 4 a.C.-65 d.C.) (filósofo e tragediógrafo). - Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.) (historiador). - Asínio Polião (76 a.C.-4 d.C.) (general, poeta, orador). - Manílio e Germânico (poetas didáticos). - Fedro (c. 15 a.C.-50 d.C.) (poeta fabulista).
I d.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 8 – Ovídio é exilado em Tomos, na costa ocidental do Ponto Euxino (Mar Negro). - 14 – Augusto morre e é sucedido por seu enteado Tibério. - 31 – Com a morte de Tibério, Calígula assume o poder. - 41 – Calígula assassinado, seu tio Cláudio se torna o imperador. - 44 – Conquista da Britânia pelos romanos. - 54 – Morre Cláudio e Nero o sucede. - 59 – Nero manda matar a mãe. - 64 – Nero persegue os cristãos. - 65 – Conspiração de Pisão contra Nero. - 68 – Insurreição de Júlio Vindex, depois de Galba e suicídio de Nero. - 69 – Ano em que quatro imperadores se sucederam no poder: Galba, Ôton, Vitélio e Vespasiano. - 70 – Tito, filho de Vespasiano, acaba com rebelião de judeus e ocupa Jerusalém. - 79 – Tito assume o poder após a morte do pai. Erupção do Vesúvio que soterrou Pompeia e outras cidades e vilas. - 80 – Inauguração do Anfiteatro Flávio (o Coliseu). 		<ul style="list-style-type: none"> - Plínio, o Velho (c. 23-79) (general e enciclopedista). - Apício (tratadista - culinária). - Valério Máximo (historiador). - Pérsio (34-62) (poeta satírico). - Quintiliano (c. 35-c. 95) (retórico) - Lucano (39-65) (poeta épico). - Estácio (c. 40-c. 96). (poeta). - Petrónio (?-66) (romancista). - Columela (tratadista – agricultura). - Calpúrnio Sículo (poeta bucólico). - Valério Flaco (poeta épico).

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
I d.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 81 – Tito morre e o império passa a seu irmão Domiciano. - 96 – Nerva sucede a Dominiciano, assassinado. - 98 – Nerva morre e Trajano se torna imperador. 		
I-II d.C.		<ul style="list-style-type: none"> - Plutarco (c. 48-c. 120) (historiador). 	<ul style="list-style-type: none"> - Plínio, o Jovem (c. 61-c. 113) (político, orador, poeta e epistológrafo). - Sílio Itálico (c. 26-101) (poeta épico). - Marcial (c. 38-c. 104) (epigramatista) - Juvenal (c. 50-c. 127). (poeta satírico). - Tácito (c. 55-c. 118) (historiador). - Suetônio (c. 70-c. 130) (biógrafo e erudito).
II d.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 106 – Conquista da Dácia por Trajano. - 114 – Conquista da Armênia. - 115 – Conquista da Mesopotâmia e da Arábia, atingindo o Império Romano a sua maior extensão. - 117 – Trajano morre e é sucedido por Adriano. - 138 – Com a morte de Adriano, Antonino Pio se torna imperador. - 139 – Término da construção do Mausoléu de Adriano. - 161 – Marco Aurélio é o novo imperador, após a morte de Antonino Pio. - 180 – Morto Marco Aurélio, seu filho Cômmodo assume o poder. - 192 – Depois do assassinato de Cômmodo, Pertinax se torna imperador. - 193 – Assassinato de Pertinax e subida ao trono de Dídio Juliano, que também é morto. Setímio Severo, por fim, se torna o imperador. 	<ul style="list-style-type: none"> - Luciano de Samósata (c. 120-c. 180). 	<ul style="list-style-type: none"> - Apuleio (c. 125-?) (orador e romancista). - Aulo Gélcio (c. 130-?) (erudito) - Floro (historiador). - Tertuliano (c. 150-c. 220) (apologista e teólogo cristão).
III d.C.	<ul style="list-style-type: none"> - 211 – Caracala e Geta assumem conjuntamente o poder após a morte de seu pai, Setímio Severo. No ano seguinte, Caracala manda matar o irmão e governa sozinho. - 217 – Caracala é morto e Macrino é nomeado imperador. - 218 – Macrino é morto e Heliogábalo assume o poder. - 222 – Com o assassinato de Heliogábalo, Severo Alexandre se torna imperador até sua morte, em 235. - 235-284: “Crise do século III”: guerras civis, grande indefinição no poder e inúmeras trocas de imperadores. - 285-286 – Diocleciano se torna imperador juntamente com Maximiano. Ambos ficam até 305, quando abdicam. - 298 – Início da construção das Termas de Diocleciano. 	<ul style="list-style-type: none"> - Plotino (c. 205-c. 269) (filósofo). 	

